

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**Centro de Ciências Humanas e Sociais**  
**Programa de Pós-Graduação em Memória Social**

**LAÍS VIANNA DE OLIVEIRA**

**“O AXÉ DA PORTELA VOLTOU!”:**

**Atualização de Memórias e Tradições no GRES Portela (2013-2015)**

**RIO DE JANEIRO**

**2015**

LAÍS VIANNA DE OLIVEIRA

**“O AXÉ DA PORTELA VOLTOU!”:**

**Atualização de Memórias e Tradições no GRES Portela (2013-2015)**

Dissertação de Mestrado em Memória Social apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Diana de Souza Pinto

RIO DE JANEIRO

2015

LAÍS VIANNA DE OLIVEIRA

**“O AXÉ DA PORTELA VOLTOU!”:**

**Atualização de Memórias e Tradições no GRES Portela (2013-2015)**

Dissertação de Mestrado em Memória Social apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Diana de Souza Pinto (Orientadora)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Josaida de Oliveira Gondar  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Adriana Facina Gurgel do Amaral  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aos meus irmãos, Lucas e Brenno,  
que me impulsionam a ser uma  
pessoa melhor.

## AGRADECIMENTOS

Durante um mestrado, há algumas dificuldades naturais a qualquer transformação. O modo como vamos passar por elas é que difere cada indivíduo. Eu posso dizer, sem dúvidas, que não teria chegado ao fim sozinha. Então, esses agradecimentos são muito mais que mera formalidade, eu realmente sou muito grata a cada um que me deu a mão – ou o colo – para que eu chegasse até aqui.

Agradeço, sobretudo, a Zambi e a todos os Orixás, por me ajudarem a me manter firme através da minha fé. E ao Centro de Umbanda Caminhos de Aruanda (CUCA), que foi meu porto seguro, quando faltou segurança em todo o resto.

À minha orientadora, Diana Pinto, por toda confiança e generosidade. Por ser uma profissional admirável. Toda a minha gratidão por me conduzir por esse caminho que teria sido impossível trilhar sem a sua **orientação**.

Às professoras da banca, pela gentileza de terem aceitado meu convite, pelo cuidado com que leram meu trabalho e pelas contribuições fundamentais. À Adriana Facina, também agradeço pela disciplina fascinante que lecionou no PPGAS e que influenciou contundentemente meu pensamento nesta pesquisa. E à Jô Gondar, por toda sensibilidade, incentivo e contribuições intelectuais, pois foi através de seus textos que pude compreender e me apaixonar pela Memória.

À Tamara Campos, por ter se disponibilizado a me ajudar em um momento em que muitos já haviam desistido. Pelas palavras, conselhos e orientações. Pela generosidade. E pelo exemplo.

Às companheiras Cristina Marcelo, Cláudia Paschoal e Maristela Dalmolin, por terem partilhado das dores e delícias de um programa de pós-graduação.

À Lucia Madi, que me guiou na conquista de mim mesma. Entre suas habilidades profissionais e a vitória, sem dúvida, o caminho percorrido foi o do afeto.

A todos os portelenses que me inspiraram a fazer esta pesquisa. Em especial à Neyva, Neydi, Mônica e Amanda que, gentilmente, cederam tempo e delicadeza para tornar essa pesquisa melhor. Também sou infinitamente grata a Serginho Procópio, Sr. Guaracy 7 Cordas, Sr. Marquinho do Pandeiro e Timbira (sempre em memória), por todos os momentos de interação, em que pude estar face a face com o fundamento da Portela.

Ao Departamento Cultural da Portela, e seu diretor Luis Carlos Magalhães, por terem me acolhido e proporcionado uma experiência valiosa. A Almir Barbio, Rogério Rodrigues, Lúcia Pinto, Maria Lúcia, Ygor Lioi, Walter Pereira e Tarsilo Delphim Coutinho, portelenses que me inspiram, obrigada pela parceria.

Ao Cláudio Zeferino, por ter compartilhado tanto comigo.

À Sandra Alcantara, por ter me apresentado o meu campo de pesquisa, e que viria a se tornar um dos meus locais sagrados, minha segunda casa: a quadra da Portela.

A toda minha família, pelo incentivo. Ao meu irmão Brenno, cujo afeto me sustenta e me motiva a ser melhor. Ao meu irmão Lucas, pela ajuda, amizade e apoio incondicional. Ao meu pai Alfredo, pela compreensão e pelo apoio, fundamentais no meu percurso.

Aos amigos Carolina Ribeiro, Cíntia Belém, Natália Teixeira, Juliana Pinho, Rodrigo Faria, a todos os demais que compreenderam minhas ausências, e aos que não compreenderam também, por nunca terem desistido de estar ao meu lado.

Aos queridos Rafaela Vasconcelos, Aline Ribeiro, Guilherme Pichinine, Julia Barbosa e Vinícius, que talvez não tenham dimensão do quanto algumas pequenas ações suas tornaram-se grandes incentivos para mim.

À CAPES, pela bolsa concedida, que possibilitou minha dedicação a esta pesquisa.

## RESUMO

Esta dissertação integra os estudos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro sob uma perspectiva interdisciplinar inserida no campo de estudos da Memória Social com base em uma abordagem discursiva interacional. Além disso, partimos do pressuposto de que a preparação para o desfile carnavalesco é um processo ritual que nos ajuda a compreender nossa cidade, com suas tensões e conflitos, pois envolve a diferença social e promove a interação cultural de diversos segmentos sociais (CAVALCANTI, 1999; 2008). Em maio de 2013, a eleição de uma nova administração no GRES Portela foi um marco para a escola. A questão da tradição teve um forte apelo durante e após a campanha, deixando evidente uma disputa de sentidos e suas implicações éticas e políticas. O objetivo desta pesquisa é analisar como o sentido de tradição é construído na Portela pelos seus componentes, principalmente no contexto de transição para uma nova gestão. Este estudo de natureza qualitativa foi realizado com base em um *corpus* composto de dados de diversas naturezas, tais como: notas de campo, entrevistas, matérias de jornais e revistas, artigos de sites especializados em carnaval, e publicações de rede social. A partir dos estudos culturais de Thompson (1998), Barth (2000) e Hall (2003), compreendemos que a tradição não é algo estanque. Apesar de ser frequentemente relacionada com repetição, permanência e formas do passado, ela também está sujeita às disputas políticas. Os elementos da tradição são negociados e reorganizados podendo se articular a práticas diferentes, ou mesmo adquirir significados novos. Compreendendo a memória como um mecanismo de criação, no qual o passado é evocado e recriado no presente buscando o que se quer para um futuro (GONDAR, 2005), podemos perceber a atuação da Memória Social na construção de sentidos atribuídos à tradição portelense. Ao selecionar o que deve ser lembrado (ou esquecido) como elemento tradicional, os portelenses evidenciam o que desejam para o futuro.

Palavras-chave: memória social, tradição, identidade, escola de samba

## ABSTRACT

This paper instates the studies of the Carnival Schools from Rio de Janeiro under an interdisciplinary perspective inserted in the field of Social Memory and based on an interactional discursive approach. In addition, we assume that the preparation for the Carnival parade is a ritual process that helps us understand our city, its tensions and conflicts, as it involves social difference and it promotes cultural interaction among various social segments (CAVALCANTI, 1999; 2008). In May, 2013, the election of a new administration at *GRES Portela* was a milestone for this Carnival School. The matter of tradition had a strong appeal during and after the campaign, making evident a dispute of meaning and its ethical and political implications. This paper's aim is the analysis the way that the meanings of tradition are constructed at *Portela*, observing its components, mostly in the context of the transition into a new management. This qualitative study was carried based on a *corpus* composed of data of various natures, such as: field notes, interviews, newspaper and magazine articles, articles from Carnival focused websites and social networks publications. Based on Thompson (1998), Barth (2000) and Hall's (2003) cultural studies I understand that tradition is not an impervious matter. In spite of being frequently related to repetition, permanence and forms of the past, it is also subject to political disputes. The elements of tradition are negotiated and reorganized; they can be articulated into different practices, or may even acquire new meanings. By understanding memory as a creational mechanism in which the past is evoked and recreated in the present, seeking what is wanted for a future (GONDAR, 2005), Social Memory can be observed acting in the construction of meanings attributed to the tradition of *Portela*. By selecting what should be remembered (or forgotten) as a traditional element, the people from *Portela* highlight what they want for the future.

Key words: social memory, tradition, identity, samba schools

*Avante portelense para a vitória  
Não vê que o teu passado é cheio de  
glória*

Chico Santana

*A memória é tecida por nossos afetos e  
por nossas expectativas diante do  
devir.*

Jô Gondar

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cartaz da exposição "O axé da Portela voltou!" .....	13
Figura 2: Publicação na rede social <i>facebook</i> sobre o desfile de 2014.....	32
Figura 3: Matéria da Folha de São Paulo sobre o desfile da Portela de 2005 .	36
Figura 4: Matéria do Jornal Extra sobre o enredo da Portela de 2014 .....	54
Figura 5: Publicação na rede social <i>facebook</i> sobre o desfile da Portela de 2014 .....	56
Figura 6: Publicação na rede social <i>facebook</i> sobre o carnavalesco Paulo Barros.....	72
Figura 7: Publicação na rede social <i>facebook</i> sobre o carnavalesco Paulo Barros.....	73

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO: APRESENTANDO O ENREDO</b> .....	12
2	<b>CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i></b> .....	20
3	<b>ESCOLAS DE SAMBA: CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO</b> .....	27
3.1	<b>Surgimento das Escolas de Samba do Rio De Janeiro</b> .....	27
3.2	<b>O mundo azul e branco</b> .....	33
3.2.1	<u>“Portela Verdade – administração com transparência”</u> .....	37
4	<b>DEFILANDO TRADIÇÕES NAS AVENIDAS DA MEMÓRIA</b> .....	47
4.1	<b>Harmonia dos contrários</b> .....	49
4.2	<b>Tradição, tradições</b> .....	51
4.2.1	<u>A concepção de tradição</u> .....	51
4.2.2	<u>O sentido da tradição para os Portelenses</u> .....	53
4.2.3	<u>Práticas e símbolos atribuídos à tradição</u> .....	61
4.2.4	<u>Identidade e pertencimento</u> .....	65
4.2.5	<u>“Hoje a Portela voltou para sua comunidade”</u> .....	68
4.2.6	<u>Paulo Barros no voo da águia</u> .....	70
5	<b>APURAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80
	<b>ANEXO A</b> .....	84

## 1 INTRODUÇÃO: APRESENTANDO O ENREDO

Eu sou Portela  
 Desde os tempos de criança  
 Ainda guardo na lembrança  
 Algo e vou revelar...

Monarco

“O axé da Portela voltou!”. Escolhi essa frase para intitular essa dissertação, pois entendo que ela é a apreensão de um sentimento que perpassa toda a pesquisa. Início e fim, pergunta e resposta. É ao mesmo tempo ponto de partida da curiosidade científica, motivação subjetiva para a permanência na pesquisa e o mistério sacralizado que se tenta desvendar com a discussão acadêmica. É com essa frase composta por cinco palavras, por muita expectativa, memória, sentimento de pertencimento, experiência e tradição que convoco o leitor a virar a primeira página do texto.

Axé, termo de origem africana, que significa força, poder, energia. Axé também pode significar a energia sagrada dos Orixás. Para os portelenses, a eleição de Serginho Procópio e Marcos Falcon em 2013 trouxe de volta a força vital e sagrada da Portela. Com poucos meses de gestão, a nova diretoria, composta majoritariamente por portelenses, já tinha sido capaz de mostrar significativas mudanças, principalmente, na forma de conduzir os preparativos para o grande dia: o desfile de 2014. E é durante a preparação carnavalesca que surge a frase emblemática que foi dita repetidas vezes pela comunidade portelense durante o primeiro ano da nova administração.

Em 2014, a Portela representou o enredo “Um Rio de mar à mar: do Valongo à glória de São Sebastião”, assinado por Rogério Rodrigues, membro do Departamento Cultural. O samba-enredo, de autoria de Luiz Carlos Máximo e Toninho Nascimento, tinha o seguinte refrão:

“Vou de mar a mar, mareia  
 Vou de mar a mar, mareia, mareou  
 Iluminai o tambor do meu terreiro  
 Ó santo padroeiro  
 O axé da Portela chegou!”

É difícil precisar o momento exato e a pessoa que fez o jogo de palavras, mas rapidamente “O axé da Portela chegou!” virou “O axé da Portela voltou!”.

Evidentemente, a letra original não foi alterada, mas a “brincadeira” com o samba foi feita inclusive pelo intérprete oficial, Wantuir, algumas vezes durante os ensaios para o desfile.

A frase também foi título de uma exposição de fotos comemorativa do primeiro ano de gestão, realizada pelo Departamento Cultural da Portela, inaugurada em 16 de junho de 2014, no Centro de Memórias localizado dentro da quadra azul e branca.

Abaixo, o cartaz que apresentava a exposição, localizado no início da mostra.



Figura 1: Cartaz da exposição "O axé da Portela voltou!"

É sobre esse **axé** que não **chega**, e sim **retorna**, que discutiremos nesse texto.

Não por acaso, a vitalidade da Portela é representada por um termo religioso, apontando para uma dimensão sacralizada, e colocando-a em um lugar que vai além de mera instituição física. Esse é um dos mistérios das Escolas de Samba: equilibrar o plano material com aspectos afetivos que transbordam qualquer razão. Portanto, essa pesquisa não tem a pretensão de esgotar o assunto. Pelo contrário, espero que ela possa contribuir para o surgimento de muitas outras perguntas.

### **Foi um rio que passou em minha vida**

Em maio de 2012, cursava como ouvinte a disciplina *Memória e Linguagem* no Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS) da Unirio e me preparava para a seleção do mestrado. Naquele momento, estava certa de que queria pesquisar o carnaval carioca, especificamente o de rua, mas ainda precisava definir o recorte em um universo de possibilidades. Isso já me inquietava, quando decidi dar uma pausa nos estudos e finalmente aceitar o convite de uma amiga para sair e me distrair um pouco. Ela me levou para conhecer a famosa Feijoada da Família Portelense. Neste evento, além de ser servido o prato tradicional das rodas de samba, ocorre também a apresentação da *Velha Guarda Show da Portela*.

Apesar de morar muito próximo, eu nunca havia estado na quadra da Portela, nem de outra escola de samba. Sempre acompanhei os desfiles pela televisão, torcendo pela azul e branco, na quarta-feira de cinzas. Naquela tarde de sábado, quando adentrei o número 81 da Rua Clara Nunes, não imaginava o que encontraria e o quanto tudo me afetaria. Como veremos a seguir, o afeto é uma das matérias-primas fundamentais do nosso campo de estudo.

Durante a feijoada, que começa na hora do almoço e só termina à noite, fui apresentada a algumas pessoas, ou melhor, a alguns *portelenses*. Após pouco tempo de conversa, rapidamente surgiu o assunto sobre o desfile carnavalesco. Quando alguns deles souberam que eu manifestava o desejo de desfilar na Portela, me indagaram: “você é portelense?” – pergunta que me seria dirigida por mais de uma vez e por pessoas diferentes – respondi que

sim, porém ela causou-me um estranhamento, não só pela sua recorrência, mas porque a minha identidade portelense era incontestável para mim.

O que deveria ser uma tarde de distração movimentou ainda mais meus questionamentos acadêmicos. Fui levada a questionar o que, no modo de pensar daquelas pessoas, fazia de mim uma portelense que deixava dúvidas. Como este período coincidiu com o momento em que cursava a matéria do PPGMS, só pude levar adiante meus questionamentos acerca da identidade mediante o contato inicial com os estudos interdisciplinares da memória social que esta disciplina me proporcionou, pois as práticas sociais que constituem a memória são construídas através do discurso, e este processo tem fator preponderante na construção das identidades.

Neste íterim, surgiu outro fato interessante: um amigo disse a uma dessas pessoas, em um momento de descontração, que eu sempre choro com a Velha Guarda – exagerando, é claro, minha emoção ao estar na presença deste segmento da escola –; imediatamente a pessoa olhou para mim, colocou a mão no meu rosto e disse “olha como ela é portelense!”. Foi exatamente desta forma que minha identidade de portelense foi chancelada, ou seja, por intermédio da Velha Guarda. Admirar e respeitar a Velha Guarda da Portela é admirar e respeitar não só a história e a tradição da agremiação a que pertencem e representam, mas a história do samba. A partir disso, meu pré-projeto do mestrado começou a se desenhar.

Desde esse dia, passei a participar dos eventos portelenses a fim de observar e interagir com o campo para melhor compreendê-lo, como será explicado na segunda seção. Neste mesmo ano e no ano seguinte, 2013, além de continuar frequentando as feijoadas mensais, me inscrevi para desfilar nas alas da comunidade<sup>1</sup>, o que requer um comprometimento com os ensaios semanais na quadra e na rua. Estes eventos foram de suma importância para conhecer os portelenses que viriam a ser meus interlocutores e para compreender como se organizam as redes de sociabilidade dentro da escola.

Também compareci a algumas *Feijoadas da Tia Surica* realizadas no Teatro Rival localizado na região central do Rio de Janeiro. Esse evento,

---

<sup>1</sup> Os componentes que desfilam nas *alas da comunidade* recebem a fantasia gratuitamente, ao contrário dos membros das *alas comerciais*, que pagam pela sua fantasia. Somente aos membros das alas da comunidade é exigida presença em todos os ensaios, na quadra e na rua.

apesar de comandado pela mais famosa pastora da Portela, não possui vínculo com a agremiação. A roda de samba que se apresenta no local é composta em sua maioria por músicos que também integram o grupo musical *Velha Guarda Show da Portela*. Por se tratar de um evento consideravelmente menor que as feijoadas na quadra da Portela<sup>2</sup>, a interação com os músicos e até mesmo com outros frequentadores é facilitada. Foi neste evento, portanto, que conheci e estreitei relações com alguns membros da *Velha Guarda*, como Sr. Marquinhos do Pandeiro e Sr. Guaracy 7 cordas. E, inclusive, foi onde conversei pela primeira vez com Serginho Procópio, também integrante da *Velha Guarda*, que em maio de 2013 viria a ser presidente da Portela, o que será tratado com mais profundidade a seguir, já que se tornou o um dos principais focos do trabalho.

A princípio, a investigação direcionou-se para a possível influência da *Velha Guarda Show da Portela* na construção das memórias e identidades dos integrantes da escola. A história da Portela é marcada por momentos de tensão entre tradição e modernização, e recorrentes esforços de recuperação ou manutenção das suas raízes. Um grande exemplo é a fundação da *Velha Guarda Show*, na década de 70, por Paulinho da Viola. O produtor agrupou intérpretes e compositores para formar um conjunto musical que teria como missão preservar a produção musical daquele momento, por temer que esta se perdesse. E até hoje, a *Velha Guarda* faz shows mensais na quadra da escola, além dos shows externos, tocando e cantando as músicas de célebres compositores que fizeram ou fazem parte da história da Portela. Como Cavalcanti (1999) assinala, quando se trata de cultura popular, não é raro encontrarmos um discurso romântico que estabelece uma origem pura e autêntica e que considera toda a modificação que vier a surgir depois como degradação.

Porém, durante o tempo em que estive em campo, no ano de 2013, aconteceu um fato marcante na história da agremiação e que mudaria a direção da pesquisa: a eleição de uma nova gestão. O atual presidente, Serginho Procópio, é sambista, filho de Osmar do Cavaco, a quem substituiu na *Velha Guarda Show* por ocasião de seu falecimento. O presidente de honra da Portela é Monarco, baluarte e líder da *Velha Guarda*. Durante toda

---

<sup>2</sup> A lotação máxima do Teatro Rival é 458 pessoas, enquanto a da quadra da Portela é de 7 mil pessoas.

a campanha, ouvimos da chapa eleitoral composta pela atual administração que “a Portela deveria voltar pras mãos dos portelenses de verdade”, o que foi amplamente apoiado pelos torcedores e frequentadores da escola, pelos *portelenses de verdade*. Hoje, após eleitos, a Portela tem em sua presidência dois membros da Velha Guarda, e não é raro ouvir dos integrantes da escola “agora eu me sinto mais portelense do que nunca”. Além disso, em diversos momentos anteriores, durante e depois da eleição, a tradição da Portela foi evocada para legitimar discursos e ações, o que também me inquietou.

Embora o assunto da eleição também pudesse ser explorado em relação ao tema anterior, fui impelida a redefinir o foco e tentar compreender de que forma esta mudança na administração da escola está impactando os seus frequentadores e torcedores, o que faz algumas pessoas se sentirem mais portelenses do que antes. Para tal, observaremos **em que medida este impacto está relacionado com o conjunto de sentidos atribuídos à tradição da Portela, observando como esses sentidos são construídos e atualizados na memória de um grupo de integrantes da agremiação.**

Entendemos que dedicar-se ao estudo e à observação do carnaval carioca, incluindo as escolas de samba, é também buscar uma melhor compreensão da cidade do Rio de Janeiro e dos que aqui vivem. A escola de samba, “produto do encontro do morro com a cidade” (CAVALCANTI, 1999, p.83), é um espaço que congrega diversas camadas da sociedade, no qual diferentes classes e grupos se encontram, e onde podemos também observar a heterogeneidade que é característica fundamental das sociedades contemporâneas. Em seu vasto estudo sobre os desfiles das escolas de samba, Maria Laura Cavalcanti (1999; 2008) reflete sobre os seus bastidores, ou seja, todos os preparativos do espetáculo ao longo do ano que possibilitam a sua concretização na grande festa do carnaval. Segundo a autora, a preparação para o desfile é um processo ritual que nos ajuda a compreender nossa cidade, com suas tensões e conflitos, pois envolve a diferença social e promove a interação cultural de diversos segmentos sociais. Desta forma, buscaremos, então, dar nossa contribuição para os estudos das escolas de samba do Rio de Janeiro com uma pesquisa de natureza interdisciplinar inserida no campo de estudos da Memória Social a partir de uma perspectiva discursiva interacional.

Na segunda seção, detalharemos o *corpus* da pesquisa e seus processos de construção e análise. Composto por elementos de naturezas diversas, o *corpus* traduz a proposta qualitativa desta pesquisa e seu caráter etnográfico. Minhas observações partem de notas de campo, entrevistas, matérias de jornais e revistas, artigos de sites especializados em carnaval, e publicações da rede social *facebook*.

O foco de análise das entrevistas recai, sobretudo, nas narrativas. Ao narrar não só construímos nossas memórias e identidades, como construímos nossas relações com o outro e com o mundo. Isto é, não apenas reproduzimos e refletimos crenças e valores, mas os criamos, reconstruímos, ratificamos. E muitas vezes, através das narrativas, mostramos nosso envolvimento e pertencimento a diversos grupos sociais e não pertencimento a outros (BASTOS, 2005). Como Pollak observa:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum (...), eis as duas funções da memória” (POLLAK, 1989, p.9)

No terceiro capítulo, discutiremos o contexto histórico e político do surgimento das Escolas de Samba do Rio de Janeiro em geral e da Portela em particular, já que entendemos o contexto como fator fundamental para entender a dinâmica dos processos culturais. Explicito o contexto contraditório da criação das Escolas de Samba e sua influência no presente. Além disso, situo a Portela não somente em relação a outras escolas, mas também à cidade do Rio de Janeiro. Por fim, comento como ocorreu o processo que se tornou objeto de estudo desta dissertação, o processo eleitoral e gestão liderada por Serginho Procópio e Marcos Falcon, em 2013.

No quarto capítulo, observo como tradição, memória e identidades operam neste contexto, e suas consequências nos dias atuais. Discuto a

fluidez do conceito de tradição adotado pelos portelenses, ponderados pelas considerações de teóricos dos estudos culturais, como Barth (2002), Thompson (1998), Hobsbawn (1984) e Hall (2003). Procuo analisar, no corpus, como os sambistas compreendem essa tradição e a utilizam como categoria de mediação política dos processos de construção de memória social frente às transformações inerentes à dinâmica cultural.

Por fim, faço as considerações finais que não buscam esgotar o assunto. Apenas observar e analisar, através de múltiplas identidades (pesquisadora, portelense, amiga, sambista, professora), o processo de disputa de sentidos que vem ocorrendo no GRES Portela.

## 2 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Sou partideiro famoso  
A inspiração me irradia  
Busco temas variados  
Que não causem hipocondria

Martinho da Vila/Aniceto

A pesquisa qualitativa permite que seu *corpus* seja composto de dados de diversas naturezas, neste caso: notas de campo advindas da observação das interações entre os membros da escola, tendo como lócus principal a quadra da Portela, mas se desdobrando em outros cenários como feijoadas e eventos fora da instituição, incluindo dois desfiles no Sambódromo; entrevistas, matérias de jornais e revistas, artigos de sites especializados em carnaval, e publicações da rede social *facebook*. Como um “*bricoleur* ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance” (DENZIN e LINCOLN, 2006), pois sabemos que cada prática proporciona um modo diferente de ver o mundo, e o emprego de mais de uma prática possibilita, assim, uma melhor compreensão do assunto estudado.

Grande parte do *corpus* de pesquisa foi selecionado a partir da minha vivência na Portela, caracterizando uma investigação etnográfica. Compreendendo a Etnografia como a coleta de dados sobre as experiências vivenciadas pelas pessoas, a partir de uma participação na sua vida *in loco* (ANGROSINO, 2008), produzi notas de campo de muitas práticas sociais constitutivas da instituição, tais como: feijoadas mensais, disputas de samba enredo, ensaios, festa de confraternização dos segmentos, apresentação dos protótipos das fantasias e o próprio desfile.

Já em 2012 quando ainda estava elaborando o recorte do projeto, comecei a frequentar os eventos da quadra para estar mais próxima dos portelenses. A princípio, comparecia às feijoadas mensais que ocorrem durante todo o ano e quando começaram os preparativos para o desfile, procurei estar presente nos eventos correspondentes (como ensaios e concurso de samba enredo), me inscrevendo até para desfilar nas alas da comunidade, o que exige

assiduidade semanal. A partir desse convívio fui construindo uma rede de relações, conheci muitas pessoas, desde as que frequentam todos os eventos da escola até as que só vão esporadicamente, conheci membros da comunidade, músicos e membros da diretoria. De início minha inserção no campo, por ter sido anterior a entrada no mestrado, se deu de forma “independente”; ainda não havia base teórica para uma investigação etnográfica. Então, ao mesmo tempo em que eu frequentava como observadora, eu me inseria como mais um membro daquela comunidade de torcedores, desenvolvendo ligações e afetos.

Desta forma, tanto a minha identidade de pesquisadora quanto a de portelense foram importantes para o processo de observação do campo, pois uma ou outra não me proporcionaria as experiências múltiplas que tive nesta escola. Assumir a postura de portelense foi fundamental para o alcance a determinados grupos e situações, já que a afirmação desta identidade garantiria meu pertencimento àquela comunidade, me autorizando a compartilhar mais intimamente de sua convivência naquele espaço e os deixando a vontade para partilhar suas emoções, sentimentos e opiniões. A partir do segundo período do mestrado, pude obter as bases teóricas necessárias para uma pesquisa de campo, aprendendo a direcionar meu olhar através das técnicas da observação participante, mas sempre tendo a consciência do atravessamento da minha identidade portelense, já que é expectável neste tipo de pesquisa que haja um envolvimento do pesquisador com o que está observando.

Durante o trabalho de campo, e após a eleição da nova administração em 2013, foi reorganizado o Departamento Cultural da Portela (que não esteve atuante durante a gestão anterior). A proximidade com este segmento da agremiação foi fundamental para a minha pesquisa, apesar de totalmente inesperado. Narro, a seguir, como ocorreu a minha inserção no grupo.

No sábado seguinte à eleição na Portela, eu e Ângelo – na época, meu namorado –, fomos à Feijoada da Tia Surica, no Teatro Rival. Neste dia, Serginho Procópio comandou a roda de samba do evento, como fazia todos os meses, exceto por um detalhe: agora o músico era também presidente do GRES Portela. Havia muitos portelenses presentes neste dia, todos inebriados

ainda com a vitória da chapa “Portela Verdade”. Em um dado momento, durante a apresentação, Ângelo comentou com entusiasmo “A primeira roda de samba comandada por um presidente de escola de samba!”. A partir disso, um grupo de amigos começou a conversar sobre a importância de registrar acontecimentos como esse e surgiu a ideia de fazer um documentário sobre a eleição/gestão do sambista. Devido à minha condição de mestranda, o tema da minha pesquisa, e o reconhecimento da minha identidade de portelense por aquela comunidade, me confiaram a responsabilidade de realizar esse projeto. Após considerar a ideia, Ângelo e eu fomos até o diretor do Departamento Cultural apresentar a proposta<sup>3</sup> e solicitar ajuda para a execução. Fomos convidados a comparecer em uma reunião do grupo e a compor o departamento como colaboradores<sup>4</sup>, participando da concepção e realização de seus projetos. Esta experiência, portanto, ampliou a minha perspectiva de observação do campo, aumentando minha rede de sociabilidade e o meu envolvimento com a instituição.

Na classificação de Gold quanto ao grau de envolvimento que o etnógrafo pode adotar, me encaixo no tipo “participante-como-observador”, que “está mais completamente integrado à vida do grupo e mais envolvido com as pessoas (...)” (ANGROSINO, 2008, p.75). No lócus de pesquisa desenvolvo, portanto, tanto o papel de portelense, colaboradora do departamento cultural, além de amiga de vários integrantes da escola e pesquisadora. Muitas vezes esses papéis oscilam, e até se sobrepõem como, por exemplo, quando eu, durante alguma apresentação musical na feijoada, parava para anotar alguma fala interessante ou eventos que tinham relevância para a pesquisa e as pessoas achavam engraçado e riam, pois enquanto uns sambavam e interagiam o tempo todo, eu intercalava os momentos de descontração com os de trabalho. De acordo com Angrosino (2008), em uma pesquisa qualitativa:

---

<sup>3</sup> O documentário nunca foi produzido. A ideia foi bem recebida pelo segmento, que se mostrou totalmente disponível para ajudar na sua viabilização. Porém, infelizmente, uma série de motivos impediu sua concretização.

<sup>4</sup> O Departamento Cultural da Portela funciona da seguinte maneira: além do diretor e dos cinco membros recomendados pelo estatuto, pode haver o convite para outras pessoas atuarem como colaboradores, constante ou pontualmente. O seu objetivo, como tenho observado, consiste em preservar e enaltecer a história da agremiação. Como não tem relação direta com a preparação do desfile, às vezes suas ações são vistas como secundárias por alguns membros da escola.

Os pesquisadores, em si, são uma parte importante do processo de pesquisa, seja em termos da sua própria presença pessoal na condição de pesquisadores, seja em termos de suas experiências no campo e com capacidade de reflexão que trazem ao todo, como membros do campo que se está estudando. (p.9)

Ao longo desses três anos frequentando a escola, conheci muitas pessoas de diversos segmentos e atuações para as quais sempre procurei apresentar-me como pesquisadora, embora esta posição não fique em evidência a todo o momento. Em virtude da naturalidade com que ocorreu meu envolvimento com esta comunidade, percebo que na maioria das vezes sou tratada como amiga e membro do campo, sendo lembrada como pesquisadora somente em momentos específicos – por exemplo, quando falo sobre minha pesquisa objetivamente, ou solicito participação nas entrevistas.

Outra técnica de coleta de dados importante para este trabalho são as entrevistas. Entrevistei cinco portelenses, individualmente, com o objetivo de observar o impacto que a nova presidência estava causando. Os referidos interlocutores foram selecionados levando em consideração sua atuação intensa na agremiação, e procurei selecionar pessoas de perfis diferentes, que serão apresentados ainda neste capítulo. As entrevistas ocorreram em outubro e dezembro de 2013 e fevereiro de 2014, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Decidi que seria interessante realizá-las antes do desfile de 2014, para que pudesse observar em que medida a expectativa do campeonato influencia no conjunto de sentidos atribuídos à Portela. Neste primeiro momento, optamos por realizar entrevistas com cerca de dez minutos devido ao período carnavalesco que mobiliza toda a escola, tornando mais difícil o acesso a todos os integrantes escolhidos. A escolha por duas perguntas, uma solicitando que a pessoa narrasse uma história que demonstrasse seu vínculo com a escola e outra sobre a nova gestão, se deu por conta deste momento agitado da escola. Reproduzo abaixo:

Pergunta 1: Eu gostaria que você me contasse alguma história que mostre como é a sua relação com a Portela.

Pergunta 2: Em maio de 2013 a gente teve uma eleição de uma nova presidência. O que você acha que essa eleição representa pra escola?

Com a primeira pergunta, objetivei entender a relação do portelense com a escola. A opção por uma pergunta aberta, que desse espaço para o entrevistado narrar mais livremente, teve como objetivo obter elementos iniciais para eu entender melhor a identidade do portelense, bem como o que significa para os entrevistados pertencer à Portela. Existem múltiplas representações do que é ser portelense, inclusive veiculadas pela mídia, mas é a visãoêmica que mais interessa para a pesquisa, isto é, observar como a própria comunidade portelense entende seu pertencimento à agremiação.

Com relação à segunda pergunta, a ideia surgiu da percepção do impacto da nova administração nos portelenses, como pude observar em diversas ocasiões, tanto nas interações face a face durante os eventos da quadra que aconteceram após a eleição, quanto nas redes sociais. A partir dela, eu busquei compreender de que maneira isso estava afetando essas pessoas e quais suas implicações no cotidiano da escola.

Abaixo, apresento meus interlocutores:

Ângelo<sup>5</sup> – Embora eu tenha sido levada à quadra por uma amiga, quem teve papel central no início de minha observação foi Ângelo. Ele foi a primeira pessoa para quem fui apresentada ao pisar a quadra azul e branca, e com quem acabei me envolvendo e mantendo um relacionamento afetivo durante grande parte da pesquisa. A intensidade de sua influência ocorreu por dois motivos principais: por ser alguém muito bem articulado e relacionado dentro da escola, possuindo muitas informações e contatos; e por ter sido meu namorado e estar mais próximo de mim que os demais.

Com idade na faixa dos 40 anos, frequenta a Portela há, pelos menos, trinta e procura acompanhar todos os eventos relacionados à escola.

Ele apresentou-me à maioria das pessoas que conheço hoje, inclusive Estela, Luisa e Luana, que teriam fundamental importância na minha pesquisa, e que também responderam às duas perguntas.

---

<sup>5</sup> Todos os nomes dos entrevistados foram trocados por pseudônimos.

Estela – Desde que fomos apresentadas, Estela chamou minha atenção pela intensidade com que vibra pela agremiação. Sempre vestida com as cores da Portela, já a ouvi dizer inúmeras vezes: “ninguém é mais portelense do que eu”. Ela sempre expressou sentimentos muito intensos em relação à escola, principalmente de indignação em relação ao antigo presidente. Muito popular, também conhece muitas pessoas dentro da Portela. Está na faixa dos 50 anos.

Clara – Filha de Estela, com 25 anos, visita a quadra com uma frequência um pouco menor que sua mãe, embora resida muito próximo à escola. Ainda assim, costuma ir a ensaios e feijoadas. Escolhemos Clara para nosso grupo de entrevistados a fim de observarmos o olhar de alguém de sua faixa etária, bem como a possível influência dos laços familiares na relação com a Portela.

Luisa e Luana – São irmãs e estão sempre juntas. Sempre muito alegres e espontâneas, estão sempre com Estela, torcendo com muito fervor pela escola. Também são muito envolvidas com os eventos da agremiação e sempre foram solícitas ao responder minhas incontáveis questões. Ambas possuem 40 anos.

Inicialmente, o *corpus* planejado era composto somente das entrevistas e notas de campo, porém “as opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.18). Assim, surgiram novos dados de outra natureza que não podem ser desprezados como a Revista da Portela - Carnaval 2014<sup>6</sup> e algumas interações na rede social *facebook*, principalmente no período posterior ao carnaval. No que diz respeito à referida revista, observamos um precioso material sobre tradição nos discursos que a compõem, nos ajudando muito a pensar esta questão.

Nos *sites* de relacionamento, encontramos muitas falas interessantes para a pesquisa, que não seriam facilmente encontradas durante as observações ao vivo, exatamente pelo caráter imediatista das interações *online* (FERRARI, 2007) e pelo espaço de tempo entre um evento e outro. Em

---

<sup>6</sup> Anualmente, é lançada uma revista com média de 10 mil exemplares que tem como tema principal os preparativos para o desfile daquele ano. A revista é distribuída gratuitamente nos eventos da quadra, não podendo ser comercializada.

“Etnografia e Observação Participante”, Angrosino já pontua que a “vida *on-line* está se tornando uma banalidade do século XXI, e a etnografia pode certamente incorporar o ciberespaço como lócus de pesquisa” (2008, p.121). Através da internet, ideias e outras formas culturais ultrapassam fronteiras, levando o pesquisador a entender que as relações sociais da comunidade que observa não estão mais retidas em um único lugar e é preciso ampliar o olhar. Considerando a questão ética, tive o cuidado de selecionar apenas publicações do *facebook* compartilhadas com o público<sup>7</sup>; os demais nomes foram preservados.

---

<sup>7</sup> Na rede social *facebook*, o usuário tem a opção de controlar a privacidade de suas publicações. Algumas possibilidades são: compartilhar somente com amigos ou compartilhar com o público. A este último tipo, qualquer usuário da rede tem acesso.

### 3 ESCOLAS DE SAMBA: CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO

Delegado Chico Palha  
Sem alma, sem coração  
Não quer samba, nem curimba  
Na sua jurisdição

Ele não prendia, só batia

Nilton Campolino/Tio Hélio

Inúmeros autores já se ocuparam em escrever sobre a história do carnaval e das escolas de samba (Cf. MORAES, 1987; CABRAL, 1996; ARAÚJO, 2000; FERREIRA, 2004). Em virtude da vasta literatura existente sobre o assunto, neste capítulo, faço uma breve apresentação do contexto histórico e político de surgimento das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, a fim de demonstrar que seu nascimento ocorre a partir de um emaranhado de conflitos e contradições. Essa circunstância refletirá em como os elementos tradicionais são pensados hoje em dia.

Além disso, é imprescindível analisar o momento atual da Portela em que se insere esta pesquisa. Segundo Goffman ([1964] 2002), é de suma importância atentarmos para a situação social construída na comunicação, e analisarmos o uso da fala de acordo com seus contextos sociais específicos. Não é, simplesmente, uma correlação entre variantes linguísticas e sociais, pois o que deve ser levado em consideração não é o elemento da estrutura social, e sim os valores que lhe são agregados no momento da interação. Portanto, o contexto em que se encontra a agremiação desempenha um papel muito importante no processo de produção e atribuição do sentido de tradição.

#### 3.1 Surgimento das Escolas de Samba do Rio De Janeiro

Há diversas narrativas sobre a origem das escolas de samba que nem sempre convergem, tornando o trabalho de indicar, por exemplo, qual teria sido a primeira escola a ser fundada, bastante complicado. Contudo, podemos

afirmar, segundo Felipe Ferreira (2004), que sua constituição ocorre no período entre os anos 30 e os anos 50, isto é, durante a Era Vargas.

Em 1930, Getúlio Vargas chega ao poder por meio de um movimento armado e permanece até 1934 como chefe do Governo Provisório, quando é eleito presidente indiretamente pela Assembleia Nacional Constituinte. Em 1937, através de um golpe de Estado, Vargas inicia seu governo ditatorial, que fica conhecido como Estado Novo. Neste mesmo ano, outorga uma constituição cuja principal característica era a centralização do poder. Este governo dura até 1945, porém Vargas volta ao poder em 1950, pelo voto direto, e permanece até suicidar-se em 1954.

A Era Vargas proporcionou mudanças contundentes para o Brasil, inclusive em relação ao modo como era visto o trabalho. O regime varguista procura introduzir uma ideologia de valorização do trabalho, pois, como herança do período escravocrata, a ética do trabalho era ainda depreciada, já que antes quem trabalhava eram os escravos, os que estavam à margem da sociedade. E a construção desta ética se torna um desafio em um país com uma história de três séculos de escravidão. Como observa Renato Ortiz, “procura-se transformar radicalmente o conceito de homem brasileiro. Qualidades como ‘preguiça’, ‘indolência’, consideradas como inerentes à raça mestiça, são substituídas por uma ideologia do trabalho” (ORTIZ, 2006, p.42).

Nos anos 30, sambista e malandro eram praticamente sinônimos no imaginário social. Os sambistas precisam, então, se adequar ao novo regime. A malandragem se redefine para continuar existindo neste contexto político. Utilizo o termo adequação, pois veremos que o malandro não se rendeu, não sumiu, e nem foi submisso ao Estado; ele adequou-se para poder continuar suas ações. Neste momento, a maior malandragem seria não parecer malandro. É o início da negociação entre os malandros e o Estado, já que “é justamente nesse período que a música da malandragem é combatida em nome de uma ideologia que propõe erigir o trabalho como valor fundamental da sociedade brasileira” (ORTIZ, 2006, p.43). Pois, apesar de uma ditadura, o governo de Vargas possuía caráter populista, então não era de seu interesse afastar estas figuras representativas das classes populares.

Um exemplo da representatividade conferida à voz desses personagens é o caso de Wilson Batista. O sambista que anteriormente compunha músicas glorificando a malandragem, como *Lenço no pescoço* (1933), mais tarde compõe uma glorificação ao trabalho em *O bonde de São Januário* (1940). Os versos “O bonde de São Januário leva mais um operário / sou eu que vou trabalhar” eram cantados pelas camadas populares como “O bonde de São Januário leva mais um sócio otário / só eu não vou trabalhar”. “O ‘otário’ que se torna ‘operário’, na composição censurada de Wilson Batista, evidencia a importância que o governo Vargas conferia à fala popular e ao respectivo poder de interferir no imaginário nacional” (DEALTRY, 2009, p.107).

Até a década de 30, a lógica do Estado era a da repressão em relação às práticas culturais de negros e mestiços, como o samba, a capoeira e o Candomblé. Mas com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, esta relação começa a mudar. Como a estratégia de branqueamento havia fracassado, adota-se outro tipo de abordagem para a mestiçagem, que deixa de ser tratada como degenerativa. Este governo transforma profundamente as relações de poder do Estado com a sociedade, pois passa a agir sobre setores da sociedade que, anteriormente, estavam à margem das ações do governo. O governo deixa de marginalizar as referidas práticas culturais, pois desta forma, facilita o controle sobre sua prática; conceder torna-se a melhor forma de controlar, e o balizamento da democracia é feito através da reconstituição das relações políticas e culturais entre as classes dominante e dominada.

A capoeira deixa de ser criminalizada sob a condição de ser registrada e praticada em lugares fechados, ganhando o estatuto de esporte. Os Terreiros de Candomblé e as Escolas de Samba também deixam de ser criminalizados, com a mesma condição de serem registrados em delegacias de polícia. Desta maneira, ao institucionalizar estas práticas populares, Vargas favorece o seu controle social, pois para o bom funcionamento de qualquer instituição é necessário submeter-se a um conjunto de regras. De acordo com Berger e Luckmann, “as instituições (...) pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis” (2006, p.80).

As Escolas de Samba surgem neste cenário como mecanismo não só de resistência da cultura negra, mas sobretudo de adequação dos sambistas às regras do regime vigente. Pois, para continuar fazendo samba e evitar as perseguições, a saída era o registro dos blocos e Escolas de Samba. O personagem que mais simboliza este momento é Paulo da Portela, fundador do GRES Portela, umas das primeiras agremiações a surgir no Rio de Janeiro, em 1935. Paulo foi a maior personalidade do samba, em sua época. Empenhou esforços não somente para o sucesso da Portela, mas para o samba de um modo geral com atitudes que visavam a desmarginalizá-lo, como a preocupação com as vestimentas e a polidez entre os membros da agremiação, desvinculando a imagem do sambista da imagem do malandro.

No fim dos anos 50 e durante os anos 60, há uma grande inserção da classe média nas Escolas de Samba, a partir da parceria com cenógrafos, figurinistas e pintores oriundos de escolas e ateliês de arte (FERREIRA, 2004). Neste momento, há uma rápida incorporação de elementos externos ao que vinha sendo realizado até então, que passou a ser considerado como tradição e tudo de novo que surgiu foi percebido como modernização do desfile. A tradição, portanto, não surge neste momento (década de 70); ela é anterior, e já surge do emaranhado de contradições que envolvem resistência e disciplina, desde o surgimento conflituoso das escolas de samba, até os dias de hoje.

Começa, então, a haver uma clara tensão entre a modernização e a tradição cujo auge é a década de 70, quando ocorrem mais modificações no carnaval carioca com a exploração comercial, como a adaptação dos sambas-enredo aos LPs e as luxuosas alegorias introduzidas pelo carnavalesco Joãozinho Trinta, que viria a ser o precursor de grandes transformações estéticas nos desfiles. Assim, começam a surgir alguns movimentos de valorização da tradição do samba. No caso da Portela, cito dois exemplos de consequências que este embate acarretou, sobre as quais discorro nos parágrafos a seguir: a fundação do conjunto musical da *Velha Guarda Show* e o rompimento do sambista Candeia culminando na fundação do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo.

Em 1970, Paulinho da Viola como produtor agrupou intérpretes e compositores da escola para formar um conjunto musical. Conforme Junior

Rodrigues (2008), um dos princípios que motivou Paulinho da Viola a produzir este grupo foi o sentimento preservacionista, ou seja, ele percebeu a necessidade de registrar para preservar a produção musical daquele momento por temer que esta se perdesse. E diante dessa ameaça de esquecimento, a qual traria grande perda para o mundo do samba, se fez iminente a criação de um mecanismo que pudesse guardar essas lembranças e possibilitar sua contínua revisitação. É gravado, então, no mesmo ano, seu primeiro LP *Portela passado de glória*, composto pelas músicas que Paulinho da Viola ouvira e selecionara nos encontros semanais com a ala dos compositores da Portela, a qual presidia. Desta forma, a Velha Guarda recebe a importante missão de ser a guardiã da tradição, não só da Portela, mas do samba de modo geral. E até hoje, a Velha Guarda faz shows mensais na quadra da escola, além dos shows externos, tocando e cantando as músicas de célebres compositores que fazem parte da história da escola.

Para Antonio Candeia Filho, compositor portelense, o legado cultural afro-brasileiro era bastante caro. Isto o fez assumir uma postura de combate às transformações que, a seu ver, distorciam e descaracterizavam as escolas de samba, principalmente a Portela. Baseado nesta angústia e endossado por outros componentes da agremiação, como o próprio Paulinho da Viola, Candeia redigiu um documento<sup>8</sup> para ser entregue ao presidente Carlinhos Maracanã, no ano de 1975, não só criticando o contexto de então, mas também com sugestões de como proceder. Como suas reivindicações em relação à preservação do que chamava de tradição não foram atendidas, Candeia e seus companheiros romperam com a escola no mesmo ano e fundaram o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, a fim de resguardar a tradição da cultura afro-brasileira, na qual está incluído o samba.

Não é raro observarmos resquícios deste conflito tradição *versus* modernização nos dias de hoje a exemplo das constantes críticas à escola de samba Unidos da Tijuca, que ficou conhecida no mundo do samba – principalmente, nos últimos anos de 2010 a 2014, com o carnavalesco Paulo

---

<sup>8</sup> O documento encontra-se transcrito na íntegra no livro “Candeia – Luz da Inspiração”, de João Baptista Vargens.

Barros – por realizar desfiles com cada vez mais elementos inovadores, tanto nos enredos como nas alegorias. Elementos que algumas pessoas não relacionam com um desfile *tradicional*, como exemplo, fantasias menores, sem plumas e paetês, e grande influência estrangeira, como ocorreu na comissão de frente do ano de 2014, com referência aos personagens do desenho animado norte-americano *Corrida Maluca*, no enredo que homenageou o piloto brasileiro Ayrton Senna. Pude ouvir, mais de uma vez, de alguns portelenses dizer: “mas o que a Tijuca faz não é carnaval”. Como na publicação a seguir, retirada da rede social *facebook*, em 06/03/2014:



Figura 2: Publicação na rede social *facebook* sobre o desfile de 2014

Embora a Portela ainda queira permanecer na disputa, ainda há certa resistência em adequar-se ao modelo atual de desfile carnavalesco. No desfile de 2013, cujo enredo foi *Madureira*, a agremiação azul e branca fez uma provocação bem humorada à rival: ao representar o basquete de rua tradicional do bairro, havia um tripé com um placar “Águia 21 x 03 Pavão”, fazendo referência aos símbolos das escolas e ratificando a posição da águia como ainda a *Majestade do Samba*, possuidora do maior número de campeonatos.

### 3.2 O mundo azul e branco

Nesta seção, busco contextualizar a relação da Portela com as outras agremiações, com a cidade e com o espetáculo do carnaval, mostrando que mesmo com toda a problemática política vivida pela escola nos últimos anos, ela ainda figura entre as maiores, e mesmo com o jejum de títulos, ainda é a maior campeã do carnaval com 21 campeonatos conquistados. Além disso, destaco as ações dos portelenses que assumiram a direção da escola há dois anos, e a repercussão dessa administração no cotidiano da mesma.

Começo a reflexão observando os versos da música “Portela sem vaidade” (1991), gravados na voz do portelense Zeca Pagodinho e de autoria de Mestre Monarco, baluarte da agremiação:

“Portela, te deram nova roupagem  
E uma bela linhagem  
Abismado até fiquei quando te vi  
Outrora, tu não tinhas vaidade  
Mas era banalidade a vitória te sorrir  
Conheço bem teu passado  
Pertencço a tua raiz  
Na tua simplicidade eras mais feliz  
(...)  
Eu agradeço aos nossos diretores  
Reconheço os seus valores  
Suas boas intenções  
Mas o portelense quer vitórias  
Para alegrar seus corações”

Esta música é uma exaltação aos tempos de “outrora”, a um passado não tão distante. Embora não ganhasse um título sozinha desde 1970, até 1984 a Portela era ainda uma das escolas mais competitivas do carnaval Carioca. No entanto, com a cisão da mesma – alguns segmentos romperam

com a escola e fundaram a GRES Tradição Portela – houve de fato um grande enfraquecimento. Há de ser ressaltado, que naquele mesmo ano, a agremiação dividiu o título de campeã com a Estação Primeira de Mangueira.

Soma-se a isso a “modernização” do carnaval que já acontecia desde o começo da década de 60 com a chegada de Fernando Pamplona no Carnaval, que vindo da escola de Belas Artes, inova a estética dos desfiles, seguida do aumento das alegorias e a mudança nas narrativas dos enredos com Joãozinho Trinta, em 70. Aparentemente, a Portela não acompanha esse processo que acontece de forma paulatina, e por isso deixa de fazer desfiles competitivos. Porém, a visão que se tinha de dentro da escola é que as mudanças estavam acontecendo e afetando profundamente a agremiação, resultando nas dissidências GRANES Quilombo (1970) e GRES Tradição (1984).

Percebemos que, na letra da música, Monarco faz referência a essas mudanças no trecho em que diz “nova roupagem” e “ vaidade”, contrastando com “simplicidade” e “feliz”. A referência temporal anterior a 1984 fica evidenciada no trecho “Mas o portelense quer vitórias / para alegrar seus corações”. Ou seja, o compositor defende que na “simplicidade” das formas do passado, a Portela era bem sucedida. Desta maneira, as alterações acabam sendo vistas como prejudiciais. Se até 1984 a escola ainda disputava os títulos com as demais, após tal ano, as chances reais de título vão ficando cada vez mais escassas – um 3º lugar em 87 e 2009 e um 2º lugar em 1995. Ou seja, o compositor busca enfatizar que em um período anterior existiam glórias e vitórias e com todas as mudanças feitas isso não mais ocorreu.

Essas observações são fundamentais para analisarmos o tempo presente, o cotidiano da Portela nos dias atuais. Ao mesmo tempo em que figuras importantes rompem com a escola por discordar das mudanças, a escola passa a sofrer as consequências de não ter acompanhado as mudanças. Esse conflito entre tradição e modernização atravessa a história da agremiação refletindo no imaginário portelense até hoje. E para compreendermos essas contradições, precisamos entender que a memória é uma construção social. “Recordar não é somente interpretar, no presente, o já vivido; a escolha sobre o que vale ou não ser recordado funciona como um

penhor e, como todo penhor, diz respeito ao futuro” (GONDAR, 2005, p.17). A escolha sobre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido é de caráter político, pois implica em um investimento no que se quer para o futuro.

Além disso, é preciso ressaltar a responsabilidade dos grupos que administraram a Portela nesses últimos 30 anos. Essas administrações também fizeram com que a agremiação ficasse desacreditada por parte da mídia e do grande público, sobretudo nos anos da administração do ex-presidente Nilo Figueiredo. Devemos dar atenção ao período Nilo – chamarei desta forma a que foi considerada uma das piores administrações da Portela, que vai de 2005 até 2013 – pois, foi nesse momento em que alguns portelenses começaram a ficar descontentes com a administração e buscaram formar o grupo de oposição, que atualmente preside a instituição.

Em 2005, seu primeiro carnaval a frente da agremiação, Nilo protagonizou um dos episódios mais tristes da história da escola: a Águia do carro abre-alas sem as asas e a Velha Guarda de fora do desfile. A agremiação atravessou a passarela do samba com seu maior símbolo incompleto, e sua Velha Guarda foi impedida de participar do desfile devido a um atraso que faria a Portela perder pontos na disputa. A matéria do jornal Folha de São Paulo, do dia 09 de Fevereiro de 2005, registrou a ocasião com a seguinte manchete:

[Próximo Texto](#) | [Índice](#)

## CARNAVAL

**Com medo de estourar o tempo, escola vetou carros com antigos compositores; Imperatriz, Beija-flor e Unidos da Tijuca são as favoritas**

### Portela desfila com águia mutilada e dá vexame ao barrar Velha-Guarda

Eduardo Knapp Folha Imagem



*Alegoria do carro no qual desfilariam integrantes da Velha-Guarda da Portela é empurrada no sambódromo após a escola encerrar seu desfile; veículo quebrou pouco antes de sair da concentração*

Figura 3: Matéria da Folha de São Paulo sobre o desfile da Portela de 2005

O primeiro desfile do período Nilo deu indícios do que seriam os próximos oito anos da administração, repletos de insatisfações e constrangimentos.

O presidente Nilo, à época, quando indagado por qual motivo mandou fechar os portões, alegou que se o tempo estourasse, a escola perderia muitos pontos. Fica clara, aqui, a tensão entre um elemento tradicional (velha guarda) e um elemento incorporado pela modernidade (tempo máximo de desfile). Na matéria citada acima, a Folha transcreve a declaração de Wilson da Cruz, componente da Velha Guarda, que traz a razão sobre o que significava aquele acontecimento para eles: “Nem quando minha mãe morreu, deixei de desfilhar. Ela dizia que, se morresse, era para deixá-la na cama e ir desfilhar, porque, se a gente morresse, ela ia fazer o mesmo”. Esses acontecimentos foram amenizados pelo então presidente da Liga das Escolas de Samba (Liesa) Ailton Guimarães, conhecido como Capitão Guimarães, que liberou a entrada dos idosos alegando: “A regra diz que eles não poderiam atravessar a avenida depois do desfile. No entanto, decidi quebrar essa regra porque, afinal, era a

Velha-Guarda, eles estavam chorando muito e achei melhor apostar no bom senso”. Naquela mesma semana do desfile, o GRES Beija-Flor, afilhada da Portela, se solidarizou com os componentes da Velha Guarda e fez um convite para que todos eles desfilassem pela escola nilopolitana no sábado das campeãs.

Passado os anos da gestão de Nilo Figueiredo, já no final de seu mandato, a Polícia Federal começou a investigar o atual ex-presidente por desvio de verbas públicas. A Portela, então, figurou nas páginas policiais. O jornal “O Dia”, do dia 13/05/2013 trazia a manchete “Comprovação do desvio de verba pública na Portela” e o subtítulo “Na fase final do inquérito, Polícia Federal diz ter evidências das irregularidades e caminha para responsabilizar o presidente Nilo criminalmente por peculato”. Além disso, Nilo posteriormente foi acusado de ganhar a eleição de 2004 com um esquema de carteiras falsas<sup>9</sup>. Somado ao exposto, em 2013 a escola devia 500 mil às empresas de água e luz, acarretando a suspensão dos serviços. Estes são apenas alguns dos diversos problemas ocorridos no período em que Nilo foi presidente da agremiação.

Apesar de tantos problemas, o presidente supracitado foi reeleito duas vezes, somando nove anos à frente da Portela. Após sua última reeleição, um grupo de portelenses descontentes com a gestão começou a se articular, o que culminou na formação de uma chapa de oposição na eleição de 2013, a chapa “Portela Verdade”.

### **3.2.1 “Portela Verdade – administração com transparência”**

O *slogan* de campanha da chapa de oposição fazia clara referência aos desvios de verba realizados pela administração do presidente Nilo Figueiredo, ao que atribuía-se o fato da agremiação não brigar pelo título nos últimos anos. Com a proximidade do carnaval de 2013, o clima na quadra azul e branca era de completa insatisfação, e o assunto mais comentado era o atraso na

---

<sup>9</sup> Nas eleições da Escola de Samba, os sócios aptos a votar devem apresentar suas carteirinhas, certificando sua legitimidade.

confeção das fantasias e carros alegóricos. A preocupação era de que tudo ficasse pronto a tempo para a competição, preocupação esta que durou até minutos antes do desfile, pois algumas fantasias só foram entregues, de fato, na concentração. O atraso do barracão<sup>10</sup> era justificado pela crise financeira que acometia a escola. Naquele ano, a Portela não fez uma boa apresentação e amargou o 7º lugar, ficando fora do desfile das campeãs, em que participam somente as seis primeiras colocadas.

No dia 15/02/2013, Monarco concedeu uma entrevista ao programa do radialista Roberto Canázio, na Rádio Globo, fazendo duras críticas à gestão do presidente Nilo. O baluarte, líder da Velha Guarda Show, afirmou que não havia mais investimento na escola e que a Portela merecia um destino digno. Em suas palavras: “Não posso deixar de lamentar a nossa escola naquilo que só fez bonito no que depende da comunidade: bamba, bateria, evolução... O que depende da gestão é fracasso. (...) Tem pessoas dentro dessa diretoria que nem Portela é”. Essa declaração de Monarco movimentou a mídia e as redes sociais nesse dia. Nas comunidades do *facebook*, portelenses elogiavam a coragem e faziam coro à reivindicação de mudança na administração.

Até então, o nome mais especulado para liderar a oposição na eleição seguinte era o de Marcos Falcon. A suposição era por conta, principalmente, da articulação do portelense com as torcidas organizadas Portelamor, Guerreiros da Águia, e PortelaWeb, resultando no evento mensal “Feijoada da Comunidade Portelense”. Esse evento, também chamado por muitos integrantes como “feijoada do Falcon”, aconteceu de julho de 2012 a maio de 2013, todo primeiro domingo do mês, em um espaço localizado no bairro de Oswaldo Cruz. Estive presente em uma dessas feijoadas e pude observar claras diferenças em relação à feijoada mensal realizada na quadra da Portela, chamada “Feijoada da Família Portelense”. Não era cobrada a entrada, e o prato principal do evento também era distribuído gratuitamente; a única coisa paga pelos frequentadores era a bebida. Havia apresentações do grupo musical da galeria da velha guarda. Observei também mesas reservadas para a velha guarda. O que mais me chamou atenção foi a diferença do público

---

<sup>10</sup> Barracão é o lugar onde são confeccionadas as fantasias e carros alegóricos, localizado na Cidade do Samba. O termo é comumente usado como metonímia para todos preparativos carnavalescos.

presentes nos dois eventos. Ângelo chamou minha atenção para o fato de que muitas pessoas que estavam presentes na Feijoada da Comunidade já não frequentavam a quadra da Portela há algum tempo, seja por desacordo político, seja pelos altos preços cobrados na Feijoada da Família Portelense, principalmente, a galeria da velha guarda.

Diante da imensa repercussão da declaração de Monarco, a oposição noticiou, naquele mesmo dia, a existência da chapa “Portela Verdade”, com lançamento previsto para segunda-feira, 26 de fevereiro. Mas, para a surpresa de muitos, Falcon seria candidato a vice-presidente, o candidato a presidente era Serginho Procópio, integrante da Velha Guarda Show e apontado por Monarco como seu sucessor. A chapa era composta também por pessoas pertencentes a diversos segmentos da escola, inclusive das referidas torcidas, e teve apoio de notáveis portelenses, como Monarco (candidato a presidente de honra), Paulinho da Viola e Tia Surica (pastora da Velha Guarda Show).

No dia do lançamento da chapa, Serginho deu uma declaração, citando os versos de Monarco ao afirmar que a grande campeã tinha que disputar títulos, para alegrar o coração dos portelenses:

A Portela não entra na Avenida para brigar pelo título, e a Portela é a campeã das campeãs, tem que estar. Vamos fazer uma administração limpa e transparente. O portelense quer vitória para alegrar seus corações.

Com uma plataforma de campanha voltada para o resgate da tradição portelense, a chapa de oposição foi eleita por três votos de diferença. Apesar do apoio da maioria dos portelenses, observamos a pequena diferença de votos entre Serginho e Nilo, 154 e 151 respectivamente, traduzindo a crise política vivida pela agremiação que estava prestes a ser superada com a promessa de uma “administração com transparência”.

A Portela sempre foi uma inspiração para outras escolas. Como pude perceber nas minhas observações do campo, há quem acredite que a reviravolta política na azul e branco de Madureira, culminando na expulsão de Nilo Figueiredo do quadro de sócios da instituição, influenciou outros

movimentos em outras agremiações. Por exemplo, a renúncia de Paulo Vianna, na GRES Mocidade Independente de Padre Miguel, que causou insatisfação aos independentes à frente da presidência desde 2004.

Alguns eventos culturais promovidos pela Portela a partir da nova administração também serviram de referência para outras escolas de samba cariocas. No ano de 2014, o Departamento Cultural da Portela promoveu conjuntamente com a Ala de Compositores um concurso de Samba de Quadra, que meses depois, serviu de influência para a realização de um evento similar pelo Salgueiro. Além disso, o mesmo departamento lançou o Cine Samba Candeia, que tem como objetivo principal trazer a comunidade para dentro da escola, visando ocupar esse espaço que é deles por direito e apresentar e relembrar momentos referentes à escola, com exibição de filmes e documentários sobre a história da agremiação. Tal ação também foi realizada posteriormente pelos Departamentos Culturais de outras duas escolas do Rio de Janeiro: Unidos de Vila Isabel e Estação Primeira de Mangueira.

Cabe ressaltar a atuação do Departamento Cultural da Portela no resgate da história e preservação da memória. Inclusive, o fortalecimento do Departamento Cultural foi um dos pontos da plataforma de campanha da chapa “Portela Verdade”, tendo em vista o compromisso desse grupo com a manutenção da tradição.

No dia 08 de novembro de 2014, o referido departamento promoveu o I Encontro de Departamentos Culturais das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, constituído de duas mesas redondas: “Escolas de Samba: memória e atualidade” e “Departamentos Culturais: troca de experiências”. Neste encontro, debateu-se sobre a importância da escola de samba como local de cultura e espaço de congregação da comunidade, e não somente uma instituição voltada para o espetáculo anual do desfile carnavalesco. Um dos convidados, o historiador e escritor Luiz Antônio Simas, problematizou e deu destaque à diferença entre Evento e Cultura. Para ele, as escolas enfatizam algo estático, o evento, em detrimento do aspecto cultural, entendendo que cultura é um processo dinâmico. A difusão da cultura poderia ser entendida como um acontecimento na quadra, uma festa para o Orixá padroeiro ou uma

roda de samba da Ala dos compositores. Já o evento seria o desfile carnavalesco. Nas palavras do próprio historiador:

(...) desfile das escolas de samba é um evento, é estático. A escola de samba é cultura viva, movimenta-se. Ganhar o carnaval deveria ser menos importante que difundir a cultura. As escolas difundem o evento apenas. (I Encontro de Departamentos Culturais das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, 08/11/2014)

Ou seja, é necessário valorizar os ritos e as ações que envolvem ancestralidade nas escolas de samba, valorizar a prática da cultura, não esquecendo que essas práticas não são estanques, são dinâmicas, e ressignificadas dia após dia pela sua própria ação.

Percebemos que há um grupo de pessoas que ainda se preocupa em pensar as Escolas de Samba como locus de práticas culturais que contribuem para o desenvolvimento da sociedade. O fator comunitário, as identidades, o simbolismo de herança africana, a ancestralidade, a arte da música e da dança são elementos que fazem parte da Escola de Samba no seu cotidiano, para além da competição anual. Com a espetacularização do desfile, a exploração comercial tomou proporções que ameaçam os aspectos culturais, pois o foco dos líderes dessas instituições fica cada vez mais voltado para a preparação do carnaval em detrimento dos eventos que valorizam o samba e os sambistas.

Destaco, sobretudo, que não há uma polaridade entre o que Simas chama de “Cultura” e “Evento”. Há a preocupação, apenas, de que um aspecto exista apesar do outro. Isto é, os elementos culturais relativos a estas instituições podem e devem conviver com as ações ligadas à competição anual. Inclusive, há inúmeros momentos em que ambos interagem e se interpenetram. Observei que, em 82 minutos de desfile na Sapucaí, os portelenses experimentam o ápice do seu sentimento de pertencimento. Entre camarotes superfaturados e carros alegóricos pirotécnicos, a comunidade não vivencia somente a pressão do canto sincronizado e da cadência da marcha. As pessoas que tem uma relação identitária com a escola estão ali também louvando os ancestrais, interagindo com o samba, mantendo o fundamento e defendendo as cores da sua agremiação. Para ilustrar esse momento, utilizamos duas músicas sobre o assunto:

**Foi um rio que passou em minha vida**

Paulinho da Viola (1970)

Se um dia

Meu coração for consultado

Para saber se andou errado

Será difícil negar

Meu coração tem mania de amor

Amor não é fácil de achar

A marca dos meus desenganos ficou, ficou

Só um amor pode apagar

Porém (ai, porém)

Há um caso diferente

Que marcou num breve tempo

Meu coração para sempre

Era dia de carnaval

Carregava uma tristeza

Não pensava em outro amor

Quando alguém que não me lembro

anunciou:

Portela! Portela!

O samba trazendo alvorada

Meu coração conquistou

Ai, minha Portela

Quando vi você passar

Senti o meu coração apressado

Todo o meu corpo tomado

Minha alegria voltar

Não posso definir aquele azul

Não era do céu; nem era do mar

Foi um rio que passou em minha vida

E meu coração se deixou levar

Foi um rio que passou em minha vida

E meu coração se deixou levar

**Portela na Avenida**

Mauro Duarte / Paulo César Pinheiro (1981)

Portela

Eu nunca vi coisa mais bela

Quando ela pisa a passarela

E vai entrando na avenida

Parece

A maravilha de aquarela que surgiu

O manto azul da padroeira do Brasil

Nossa Senhora Aparecida

Que vai se arrastando

E o povo na rua cantando

É feito uma reza, um ritual

É a procissão do samba abençoando

A festa do divino carnaval

Portela

É a Deusa do samba, o passado revela

E tem a velha guarda como sentinela

E é por isso que eu ouço essa voz que me  
chama

Portela

Sobre a tua bandeira, esse divino manto

Tua águia altaneira é o Espírito Santo

No templo do samba

As pastoras e os pastores

Vêm chegando da cidade, da favela

Para defender as tuas cores

Como fiéis na santa missa da capela

Salve o samba, salve a santa, salve ela

Salve o manto azul e branco da Portela

Desfilando triunfal sobre o altar do carnaval

Os sambas “Foi um rio que passou em minha vida” e “Portela na avenida” foram compostos anteriormente à inauguração do Sambódromo e ao modelo de desfile carnavalesco que vemos hoje: em 1970 e 1981, respectivamente. Entretanto, essas músicas são duas das mais tocadas em rodas de samba, no geral, e na Portela, em particular, sobretudo pela Velha Guarda Show. Além da qualidade musical, há algo mais que faz esses sambas continuarem a ser cantados, inclusive em momentos pontuais, como nos minutos que antecedem o desfile: a emoção compartilhada. Ao entoar essas canções, em forma de hinos, em 2014, os portelenses demonstram que esses sentimentos continuam atuais.

No entanto, nem todos podem participar da festa. Há um notório processo de elitização do público do carnaval. As entradas para o desfile do grupo especial, na Sapucaí, custam cada vez mais caro e a maioria dos sambistas que estão presentes o ano inteiro em ensaios, feijoadas e rodas de samba das escolas fica excluída na hora de assistir aos desfiles, no seu palco principal, pelo alto preço dos ingressos.

Observamos também outra crítica relativa à competição: os fatores que são julgados para considerar uma escola melhor que a outra. No referido Encontro de Departamentos Culturais, a pesquisadora e escritora Marília Trindade Barbosa pontuou que a estética está muito valorizada em detrimento do som, defendendo que os quesitos visuais traduzem o poder aquisitivo da escola, enquanto o samba está relacionado com a tradição e o fundamento. Para a escritora, “O julgamento desvaloriza o som e valoriza o visual, a estética. Isso está muito mais atrelado ao poder financeiro, que à identidade cultural das escolas” (I Encontro de Departamentos Culturais das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, 08/11/2014).

Com a intenção de resgatar a memória portelense e valorizar os aspectos culturais, está em curso um trabalho de fortalecimento do Departamento Cultural da Portela, a partir da nova administração. E, como vimos anteriormente, esse trabalho tem reverberado nos Departamentos Culturais de outras agremiações. Luis Antônio Simas afirma que os departamentos de todas as escolas tem um árduo trabalho a fazer para resgatar a história e a importância das escolas, visto que existe um privilégio

grande, um foco imenso no evento, e que o futuro da Portela é importante para o que vai acontecer nas outras escolas e no carnaval:

Eu acho que os departamentos culturais tem um desafio seríssimo. Resgatar a história e a importância cultural dessas escolas. A batida do surdo de terceira da bateria da Mocidade é uma coisa seríssima, está muito acima de julgamento do quesito. Acho que o que vem acontecendo na Portela pode mudar a história do carnaval (I Encontro de Departamentos Culturais das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, 08/11/2014).

O diretor do Departamento Cultural da Portela, Luis Carlos Magalhães, ao ser indagado sobre qual o principal objetivo deste segmento, responde:

É claro que o objetivo principal deve ser o título, mas as agremiações precisam olhar para dentro de si, de suas almas. As futuras gerações precisam saber quem foram Cartola, Calça Larga, Paulo da Portela, Seu Molequinho. Olhar para o passado e apontar para o futuro. Esse é o objetivo de um departamento cultural (I Encontro de Departamentos Culturais das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, 08/11/2014).

Para ele, é necessário olhar o passado para pensar o futuro, e nunca se esquecer de quem já passou e do que já foi realizado.

Mesmo sem ganhar um título há diversos anos, a escola ainda tem sua influência no meio do samba e do carnaval. Por não ter se adaptado rapidamente a um novo estilo, acabou sofrendo diversos reveses que a fazem estar nesse grande jejum de 30 anos. No entanto, ainda é vista como aquela que pode conter a exagerada valorização do evento em detrimento da cultura. Na ocasião de um curso sobre consumo cultural, no Museu do Folclore, presenciei uma declaração de Nilcemar Nogueira que me causou grande impacto. Dois meses após a eleição de 2013, a neta de Cartola e Dona Zica comentou sua expectativa com relação ao presidente sambista, dizendo que esperava que a Portela pudesse servir de exemplo para outras escolas ao eleger um presidente que entende e vive o samba, um presidente que teria mais sensibilidade para decidir sobre assuntos que transbordam à passagem pela avenida.

Atualmente, depois de algumas décadas, a Portela voltou a estar focada em ganhar mais um título, mas não deixa de valorizar as relações cotidianas que constroem sua história. Através de debates, seminários, rodas de samba acústicas, concursos de samba de quadra, exposições e cineclubes, o Departamento Cultural da instituição não só contribui para a reflexão sobre a memória e a história, mas também convoca para a vivência e construção de novas memórias e histórias.

O atual momento da Portela é também influenciado pela ligação que o prefeito da cidade do Rio de Janeiro estabelece com a escola. Eduardo Paes sempre publicizou o fato de ser portelense, o que suscita especulações de que a agremiação é beneficiada pela prefeitura seja por direcionamento de verba, seja pela influência do homem público. Desde 2009, quando Paes assumiu a prefeitura, em pelo menos cinco ocasiões a GRES Portela apresentou desfiles sobre o Rio de Janeiro, sobre determinado ponto turístico ou características da cidade. Em 2010, com o enredo “Derrubando fronteiras, conquistando a liberdade, um Rio de paz em estado de graça”; em 2011 com o enredo “Rio, Azul da Cor do Mar”; em 2013, “Madureira... Onde o meu Coração se Deixou Levar”; em 2014 com o enredo “Um Rio de mar a mar: Do Valongo à glória de São Sebastião” e no atual ano de 2015 com o enredo “ImaginaRIO - 450 janeiros de uma cidade surreal”.

No dia 26 de Janeiro de 2015, o jornalista Léo Dias levantou essa questão em um vídeo publicado no site do IG<sup>11</sup>. O colunista ali insinua que Eduardo Paes favorece a Escola de Oswaldo Cruz e Madureira. Além disso, direciona uma verba extra à escola – além da subvenção convencional que é dada para todas as outras – por falar do Rio de Janeiro. As considerações do jornalista foram recebidas como ofensas pelos portelenses, que não admitiram que o mérito de um possível campeonato próximo fosse atribuído a “facilidades”. Além de uma declaração dada por Monarco desconstruindo essa ideia, portelenses fizeram um movimento nas redes sociais com a *hashtag* #leodiassafado.

---

<sup>11</sup> Disponível em < <http://carnaval.ig.com.br/2015-01-26/papo-de-carnaval-sapucaia-tem-sua-escola-favorita-para-2015.html>>. Acesso em: 30 jun 2015.

Para finalizar essa contextualização, deve-se destacar a mais recente mudança na Portela que causou reações diversas: a contratação do carnavalesco Paulo Barros. A notícia de que seria ele quem estaria à frente do projeto estético do carnaval 2016 de uma das escolas de samba mais tradicionais do Rio de Janeiro repercutiu de forma intensa no mundo do samba. Uma comunidade, em que na sua maioria sempre criticou o estilo inovador de Paulo Barros, parecia nunca ter se imaginado em um desfile desenhado pelo carnavalesco mais polêmico da atualidade. Embora, inicialmente, tenha havido muita crítica, os portelenses acabaram aceitando a ideia e começaram a depositar alguma esperança no resultado desta aliança inesperada.

Nesse tempo de gestão de Procópio e Falcon, a Portela parece ter um ânimo renovado, pois sua comunidade se faz cada dia mais presente e sedenta por algo que não vem para Oswaldo Cruz e Madureira há décadas. A valorização do evento é clara, pois habilitar-se a conquistar um título era algo que a antiga gestão não conseguira fazer. Ou seja, essa conjuntura da política interna portelense possibilita que a escola seja um baluarte, um verdadeiro espelho para as coirmãs. Toda valorização dos acontecimentos em prol da cultura, alinhados ao evento “maior” que é o carnaval, na busca por mais um título, fortalecem a azul e branca de Oswaldo Cruz e Madureira e faz com que os portelenses criem em dias melhores.

#### 4 DESFILANDO TRADIÇÕES NAS AVENIDAS DAS MEMÓRIA

Sempre lutar pelas coisas que se  
acredita  
Mas tem que ser luta bonita  
De ideais comuns

Candeia

Durante a observação no campo, algo me chamou a atenção e se acentuou durante a campanha e após a eleição: como os sentidos atribuídos à tradição são construídos e atualizados no discurso constantemente pelos integrantes da agremiação, tornando, assim, o conceito atribuído a este termo fluido – sem forma definida e facilmente moldável ao contexto. Compreendendo o discurso a partir da vertente da Sociolinguística Interacional, concebemos as práticas linguísticas como práticas sociais e reconhecemos que culturas e grupos sociais moldam as atividades sociais, ao mesmo tempo em que ambos são também produzidos, reproduzidos e transformados pela atividade humana (GEE, 1999). Assim, pretendo analisar, a seguir, como ocorre este processo da construção de sentidos da tradição, o impacto da nova administração, e as memórias que estão sendo constantemente atualizadas e negociadas neste momento singular para compreender de que forma isso afeta o cotidiano dos portelenses.

As categorias fixas sempre me causaram incômodo, de modo que meu olhar é fatalmente direcionado para as contradições. Não obstante a disputa de sentidos que é o meu próprio objeto de estudo, os conceitos que trago para analisar também são plenos de possibilidades interpretativas. É necessário, portanto, destacar a dimensão política que a linguagem tem, isto é, a língua-em-uso é, em todos os lugares e sempre, política. Por “política” podemos entender qualquer coisa ou qualquer lugar em que interações e relações sociais implicam como os bens sociais são ou deveriam ser distribuídos. Quando falamos ou escrevemos, estamos sempre selecionando uma perspectiva de mundo, de acordo com a forma que acreditamos ou desejamos que os bens sociais são ou deveriam ser distribuídos. E é nos detalhes da interação social que eles são criados, sustentados, distribuídos e redistribuídos (GEE, 1999).

Ao selecionar o *corpus*, a metodologia de análise e/ou as abordagens teóricas de uma pesquisa, já estamos nos posicionando e fazendo inúmeras escolhas éticas e políticas. Isso implica, assim, na escolha do que convém ou não ser lembrado e interrogado e, conseqüentemente, o que esperamos disso. Desta maneira, já começa a se desenhar nossa perspectiva de memória social. Pois,

há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente (GONDAR, no prelo)

Portanto, ao mesmo tempo em que a memória social é o campo de estudos em que esta pesquisa está inserida, ela é também objeto e motivação. Os dados emergem do processo de construção de memórias das pessoas estudadas, mas são selecionados a partir da memória da pesquisadora – a negociação entre lembrar e esquecer –, e são analisados a partir de uma perspectiva conceitual que é privilegiada dentre outras que são esquecidas. Tudo isso torna evidente as diversas dimensões e possibilidades das memórias que atravessam o texto, tornando-o, ele mesmo, material, processo e produto de uma construção social desta memória.

Nas próximas seções, observaremos, através da análise dos dados, como esse emaranhado de memórias em constante negociação opera na criação, reinvenção, ratificação e disputas dos sentidos e elementos que são atribuídos à tradição da Portela. As práticas relacionadas à tradição emergem de uma intensa luta cultural, resultando de disputas políticas no “campo de batalha” que é a cultura (HALL, 2003).

#### 4.1 Harmonia dos contrários

Antes de discutir as disputas do sentido de tradição, é importante entendermos como os conflitos e contradições operam no cotidiano de uma escola de samba. Quando falamos em conflito, o que vem ao pensamento são enfrentamentos e/ou perturbação. Porém, o fato de haver discordâncias não necessariamente resultará em uma convivência desordenada e inconstante. Ao contrário, apesar das diferenças e oposições, a comunidade parece estabelecer um equilíbrio nessas tensões. Somente em momentos de crise, como a reviravolta política da eleição de 2013, as divergências emergem com maior intensidade.

No fim do primeiro ano da nova administração, fui convidada, por intermédio do Departamento Cultural, a participar do almoço de confraternização dos segmentos<sup>12</sup> da agremiação organizado pelo Departamento Social. Neste tipo de evento, cada pessoa se responsabilizou por levar um prato de doce ou salgado, de acordo com uma lista organizada com antecedência. O almoço começou por volta das 14h. E com o passar da tarde, na área a céu aberto, começou a se organizar um churrasco, formou-se uma roda de samba bem simples: algumas pessoas sentadas em círculo, com poucos instrumentos, cantando e tocando. O clima era bem familiar, pessoas conversando, interagindo, e crianças brincando pela quadra. Porém, antes do início, houve uma abertura formal. Um dos diretores que organizaram o evento, após um discurso de boas vindas e de agradecimento a presença de todos, diz “a eleição acabou, a Portela agora é uma só, vamos confraternizar, vamos nos divertir”. Assim, as divergências políticas da instituição não desaparecem com o fim da eleição, mas precisam permanecer latentes em prol de algo maior. As pessoas, portanto, convivem entre concordâncias e discordâncias. As fronteiras do grupo não são precisamente delimitadas como se idealiza que seja.

---

<sup>12</sup>Os “segmentos” de uma escola de samba englobam os departamentos, as baianas, a bateria, a harmonia etc., porém não engloba a chamada “comunidade” (pessoas que desfilam pelas alas da comunidade, que recebem a fantasia gratuitamente, tendo como obrigação comparecer a todos os ensaios).

Fábio Pavão (2005), ao investigar a comunidade portelense em sua dissertação de mestrado, faz uma interessante discussão sobre esse aspecto. Segundo o antropólogo,

a necessidade de união é constantemente ratificada numa comunidade de escola de samba. Todos os sambistas sabem que cisões e conflitos internos precisam permanecer latentes. Para o bem do próprio grupo, a diversidade de interesses deve estar escondida sob a sombra de um imaginário consenso (p.64).

O motivo deste esforço para manter os conflitos latentes seria vencer o campeonato, uma vez que a escola de samba permanece em uma competição constante. A união precisa ser mantida durante o desfile e sua preparação.

Pude perceber a relevância dada à união repetidas vezes em minha observação, principalmente nos discursos do presidente e do vice-presidente. Por exemplo, em setembro de 2013, quatro meses após a posse da nova diretoria, houve uma reunião com as alas da comunidade. Foi uma espécie de apresentação da nova equipe responsável pelos preparativos do carnaval. Neste dia, o primeiro a falar foi Serginho, com um discurso bem motivador, em que a palavra “união” apareceu repetidas vezes. Falcon também ressaltou a importância da comunidade e da união de todos para a Portela poder ganhar aquele carnaval.

Para algumas pessoas, poderia parecer somente um discurso motivador sem maiores pretensões, mas não podemos esquecer a dimensão política da linguagem e seu envolvimento nas relações de poder. Continuamente e ativamente, construímos e reconstruímos nossos mundos não só através da língua, mas através da língua usada em conjunto com ações, interações, sistema de símbolos não verbais, valores e maneiras diferentes de pensar, sentir, acreditar. O discurso – construído consciente ou inconscientemente – tem implicações contundentes na vida social (GEE, 1999).

Portanto, cabe ressaltar que ao falar sobre disputas e contradições, não necessariamente nos referimos a uma convivência conflituosa. Dizendo de outra forma, é preciso ter em mente que embora a escola de samba, como locus de práticas culturais, seja permeada por disputas políticas, sua dinâmica

interna garante que haja um equilíbrio que possibilite que a convivência das contradições não cause rupturas que afetariam o grande objetivo: ganhar o título.

## **4.2. Tradição, tradições**

Durante os momentos de crise, questões que ficaram latentes durante um tempo indeterminado podem emergir, tornando mais fácil a observação do pesquisador. Com a crise política de 2004, Pavão (2005) teve sua atenção voltada para a compreensão da noção de comunidade negociada na instituição, naturalmente influenciado pelo seu campo de estudos, a Antropologia. A crise política de 2013 faz emergir várias questões, obviamente, mas a que chamou a minha atenção foi a disputa dos sentidos de tradição, a recorrência de discursos que apontam para o passado. E meu interesse é claramente influenciado pelo meu campo de estudos, a Memória Social.

Desde o período eleitoral até a gestão propriamente dita, os discursos que evocavam a tradição portelense despertaram minha curiosidade. A Portela sempre foi apontada como uma escola tradicional, por portelenses ou não, e os integrantes da agremiação sempre reivindicaram essa posição, mas durante o período citado, parece-me que isso foi, de certa forma, potencializado pela agitação inerente ao contexto político. Esse destaque da categoria da tradição me conduziu a duas perguntas principais: a) Qual o entendimento do conceito de tradição para os portelenses? e b) Quais são os elementos (conjunto de práticas e símbolos) atribuídos a essa tradição?

### **4.2.1. A concepção de tradição**

Para iniciar a reflexão sobre o conceito, utilizo a discussão de Coutinho (2011) sobre as duas principais formas de se compreender a tradição. O autor faz uma distinção, com fins didáticos, entre o que chama de *tradição* e

*tradicionalismo*, que implica em duas maneiras diferentes de entender a cultura. O tradicionalismo seria entendido como um fenômeno ideológico ligado ao conservadorismo, que sugere uma prolongação do passado no presente, como se os símbolos e práticas culturais fossem inertes. Por outro lado, a tradição, propriamente dita, é o que acontece na prática: a transmissão das formas culturais através do tempo não é feita por mera reprodução, e sim por um complexo processo de reelaboração.

Embora a ideia conservadora sugira repetição e utilize o discurso formalista da autenticidade, os símbolos culturais atribuídos ao tradicionalismo também devem ser considerados reinvenções. Não é possível haver reprodução, pois há uma dialética no campo de disputa política. Hobsbawn (1984) diferencia as tradições inventadas dos costumes, para o autor estes são as práticas que estão em constante mudança embora cerceadas pela exigência de compatibilidade com o precedente. A tradição inventada é um mecanismo político que tem como função promover uma continuidade artificial em relação a um passado histórico apropriada a algum objetivo. As práticas tradicionais já existentes são modificadas para servir a novos propósitos. A memória torna-se um instrumento de poder, “as lembranças e os esquecimentos que tecem a memória não são simplesmente selecionados ou gerenciados pelo poder, mas são por ele fabricados” (GONDAR, 2003).

“O sambista deve ter pescoço e pés cobertos”: a tradição inventada por Paulo da Portela, referindo-se à vestimenta do sambista, durante anos vigorou na quadra da azul e branco (PAVÃO, 2005). Embora em 2013 este costume não fizesse mais tanto sentido, na década de 1930 foi fundamental para desvincular a imagem do sambista da imagem do malandro. “As tradições inventadas são sintomas importantes e, portanto, indicadores de problemas que de outra forma poderiam não ser detectados nem localizados no tempo” (HOBSEBAWN, 1984). O problema que provocou Paulo da Portela não existe mais atualmente, e a manutenção desse costume acarretou, na verdade, um segundo problema: durante os ensaios para o desfile de 2014, uma pessoa trajando chinelos foi repreendida por estar infringindo uma regra. Certamente, essa pessoa não conhecia a *tradição*. Devido à repercussão negativa, na semana seguinte Marcos Falcon falou à comunidade sobre o incidente,

afirmando que nunca mais alguém seria impedido de estar na Portela por este motivo, pois o portelense deve se sentir em casa: “a Portela é a sua casa, a Portela é de vocês”. O vice-presidente funda uma “nova” tradição reinventando outra; ele acessa, para isso, um dos elementos mais tradicionais da escola de samba: a relação comunitária de pertencimento.

A escolha da concepção de tradição é, portanto, política, já que tem implicações na vida social. A intenção desta seção é perceber que o termo pode ser entendido como o “costume” de Hobsbawn (1984), o “tradicionalismo” de Coutinho (2011), ou adquirir até mesmo outros significados negociados na interação. Esclareço que, no decorrer desta dissertação, utilizo o termo *tradição* tal qual ele aparece no discurso cotidiano: polissêmico. O objetivo, pois, é observar suas múltiplas possibilidades no discurso dos portelenses.

#### **4.2.2. O sentido da tradição para os Portelenses**

Fui impelida a investigar o que o portelense identifica como a tradição de sua escola, pois o assunto é recorrente entre os integrantes e quando se faz referências a Portela como sendo uma escola tradicional. Em uma das entrevistas realizadas, já encontramos a presença de alguns desses sentidos:

todos os quesitos de chão, de comunidade, você tem. A tradição de desfile tá mantida? Tá. A tradição de desfile tá mantida? Tá, porque tá com samba no chão, tá com samba forte e tá com bateria forte, a tradição pro desfile tá mantida (Ângelo, 13/12/2013)

Para Ângelo, comunidade, samba forte e bateria forte representam a tradição. Mas nem todos atribuem esses mesmos sentidos, como veremos ainda nesta seção.

Como vimos no primeiro capítulo, a Escola de Samba funciona como espaço integrador de práticas sociais durante todo o ano, mas é no momento da competição carnavalesca que podemos perceber mais claramente como se relacionam tradição e modernidade, assim como as disputas de sentido do que é a tradição portelense. Analisaremos a competição em três momentos: a

preparação para o desfile de 2014, o desfile propriamente dito e o resultado com suas implicações.

Há três décadas sem ganhar um título, a maior campeã do carnaval encontrava-se em plena agitação durante a preparação para o desfile que poderia trazer o vigésimo segundo campeonato. Com a eleição recente da nova administração, a movimentação era grande entre todos os segmentos da agremiação e fora dela: a comunidade esperançosa com a disputa, a administração tentando se equilibrar entre os preparativos para o desfile e as inúmeras dívidas deixadas pela gestão anterior, a mídia acompanhando e especulando sobre os novos rumos da águia. Em matéria publicada e retirada do site do Jornal Extra, em 02/06/2013:

SOB NOVA DIREÇÃO

## No carnaval, Portela fará tributo ao Rio

**Fernanda Alves**  
fernanda.alves.rpa@extra.inf.br

A Portela, uma das escolas de samba mais tradicionais do Rio, já escolheu o enredo para o próximo carnaval. “Um Rio de mar a mar: do Valongo à glória de São Sebastião” pretende homenagear a Cidade Maravilhosa no próximo desfile da Azul e Branco na Sapucaí.

— Esse enredo é a cara da Portela, honra a nossa história. Tem tudo para mexer com o emocional dos sambistas e de todos os cariocas — aposta o carnavalesco

Alexandre Louzada, que completa 30 anos de carnaval e comemora o retorno à agremiação de Madureira.

O enredo da Azul e Branco

**«Queremos sanear as nossas dívidas e fazer um carnaval inesquecível»**

**Serginho Procópio**  
Presidente da escola

co foi anunciado ontem durante a famosa feijoada de Tia Surica, na quadra da escola, em Madureira.

Apesar de a agremiação estar com inúmeras dívidas e sendo investigada pela Polícia Federal, devido a acusações de fraude, o novo presidente da escola, Serginho Procópio, está muito animado:

— Estou me sentindo no bico da Águia! Quero colocar minha calça branca, camisa azul e meu chapéu e encontrar o pessoal da Velha Guarda. Esse é um momento muito importante para a escola. Vamos fazer tudo e brigar pelo título do carnaval já em 2014.

Com a quadra completamente lotada, a presença do cantor e compositor Paulinho da Viola — nomeado sócio benemérito — e de Monarco, presidente de honra da escola, a feijoada de ontem foi uma verdadeira reunião de bambas:

— Passamos por um momento complicado, mas sempre estivemos vigilantes. Chegou a hora de mudar, e, agora, muitos bons filhos estão retornando à Portela. É um momento histórico, cheio de esperança. Só depende, agora, de nós — disse Monarco, em tom emocionado.

Reunidos no palco, Procópio, Alexandre Louzada, Paulinho da Viola e também Monarco prometeram à platéia: 2014 será o carnaval da Portela. ✚



ROBERTO MONEIRA

Monarco, Serginho e Paulinho: unidos em defesa da Portela

Figura 4: Matéria do Jornal Extra sobre o enredo da Portela de 2014

A notícia ilustra o momento de expectativa vivido dentro e fora da Portela. Além disso, verificamos que a Portela está sendo construída, discursivamente, nos deslizamentos entre tradição e modernidade/mudança. Constrói-se a ideia de tradição que se quer, de acordo com o contexto e a expectativa que se tem do que está por vir. A jornalista já começa o texto destacando que a Portela é “uma das escolas de samba mais tradicionais do Rio”, conferindo legitimidade de algo a ser preservado e defendido (legenda da foto: “Monarco, Serginho e Paulinho: unidos em defesa da Portela”). Relacionados a esta tradição, estão os sambistas da escola: “a quadra completamente lotada, a presença do cantor e compositor Paulinho da Viola e

de Monarco, presidente de honra da escola, a feijoada de ontem foi uma verdadeira reunião de bambas”.

Serginho Procópio, por sua vez, ao dizer “estou me sentindo no bico da **águia!** Quero colocar minha **calça branca, camisa azul** e meu **chapéu** e encontrar o pessoal da **Velha Guarda**” (grifo meu), também associa outros elementos à tradição portelense: o símbolo da escola, a vestimenta, a cor e os sambistas. O então carnavalesco, Alexandre Louzada, diz que o enredo “tem tudo para mexer com o emocional dos sambistas e de todos os cariocas”, pois “honra a nossa história”, mostrando a relevância do passado para os portelenses.

Monarco arremata dizendo “chegou a hora de mudar, e agora, muitos bons filhos estão retornando à Portela”, trazendo à baila mais uma vez a **mudança** aliada ao **retorno**. Olhar o passado se torna combustível para a caminhada rumo ao futuro. Busca-se o que passou, mas sem deixar de esperar que isso traga mudança. Neste jogo entre retorno e mudança, fica mais claro que o passado de que se fala é um passado que orienta, e não que aprisiona. Não é permanência, e sim criação.

Neste novo contexto, portanto, a disputa de sentidos de *tradição* ficou de certa forma mais evidente, pois por ser considerada uma característica marcante da escola, era constantemente acionada para legitimar as práticas adotadas pela nova direção. A partir disso, pudemos perceber a multiplicidade de significados atribuídos à tradição portelense, que será detalhado a seguir.

Discutimos anteriormente a resistência em relação à inclusão de inovações nos desfiles, mesmo sabendo que este talvez seja um dos aspectos mais importantes para se obter o campeonato. Desta maneira, há um “apego a uma forma cujo conteúdo, superado pelo desenvolvimento histórico, corresponde aos interesses de uma classe que sobrevive ao seu destino” (COUTINHO, 2011), à forma *tradicional*. Por outro lado, há quem diga que a tradição da Portela é inovação, como o historiador e pesquisador do carnaval carioca Luiz Antonio Simas comentou em seu perfil pessoal da rede social *facebook*, em 06/03/2014, “A Portela foi uma escola que se caracterizou pela ousadia e pela invenção. Quando perdeu isso, parou de ganhar. Que a escola recupere, portanto, o papel de vanguarda do carnaval”.

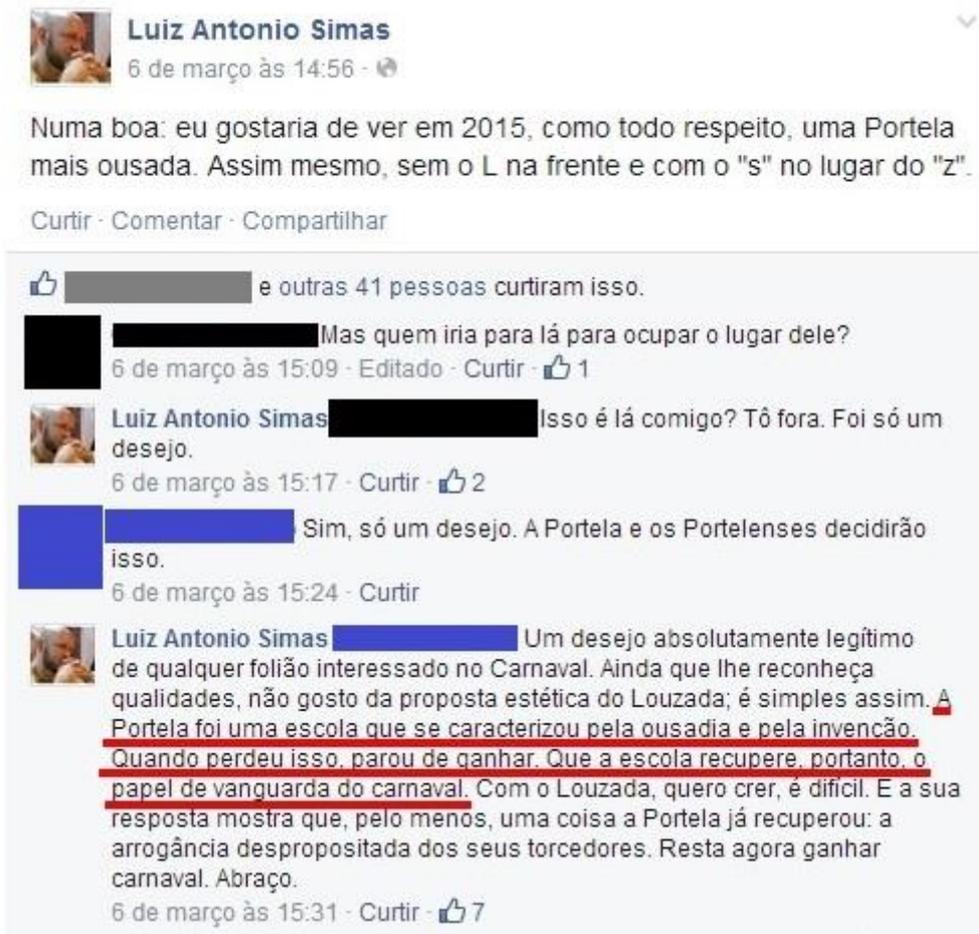


Figura 5: Publicação na rede social facebook sobre o desfile da Portela de 2014

(Grifo nosso. Retirado da internet em 24/03/2014.)

Na concepção desse estudioso, que publiciza na rede social uma convocação, em uma forma imperativa, para que a escola torne a ocupar um lugar de destaque no cenário carnavalesco, a tradição desta agremiação não reside no apego a determinadas práticas do passado, mas sim em uma constante preocupação em inovar esses elementos.

Uma das falas mais emblemáticas, que demonstram a fluidez do conceito atribuído ao termo, é a declaração de Rogério Rodrigues, autor do enredo de 2014, à Revista da Portela sobre sua expectativa em relação ao desfile:

A Portela vai começar muito clássica e apresentar diferentes linguagens visuais. Quanto a essas diferentes linguagens que o enredo permite, as pessoas vão perceber que a Portela é vanguarda

e é tradicional, mas sem ser conservadora. Eles vão perceber o que é tradição e o que é renovação. Será um diálogo interessante entre o antigo e o contemporâneo. (p.12)

Nesse excerto, observamos a oposição entre *vanguarda* e *tradicional*, *renovação* e *tradição*, *contemporâneo* e *antigo*, porém há o destaque para o diálogo que existe entre as partes, isto é, tradicional/antigo e contemporâneo/novo podem sim coexistir e a sua convivência é que faz, na concepção de Rogério, o sucesso da apresentação da escola na avenida.

Nesse mesmo número da Revista da Portela, temos acesso a outros discursos complementares. Como a consideração feita por Fábio Pavão, antropólogo e membro do Departamento de Carnaval:

Achamos que a Portela não pode abandonar sua tradição, mas é necessário termos também uma linguagem mais contemporânea. Quando isso acontecer, a Portela vai voltar a ser uma escola muito forte, e, neste ano de 2014, a gente está dando um grande passo nesse sentido. (p.17)

A partir da fala de Fábio Pavão, se fizermos o caminho inverso e partirmos do significado do seu oposto “linguagem contemporânea”, percebemos que tradição está de alguma forma ligada ao passado, a um passado que sozinho não dá conta de ganhar campeonato, mas que também não pode ser desprezado. Ainda assim, tradição ainda é algo pertinente a outro tempo, faz parte da história, mas não é a história. Somente na conjugação de passado com presente é que a escola pode se tornar “muito forte”. Fica claro, portanto, que os sentidos atribuídos à tradição portelense não são excludentes, eles coexistem ora em harmonia, ora em conflito.

Vimos, assim, que a tradição está relacionada à história da agremiação, ao passado, às suas memórias. Porém, quais são os elementos que constituem esta tradição? O que há, ou o que a Portela faz de tradicional que precisa ser mantido, e o que precisa ser alterado na percepção desse grupo? A recorrência de um discurso da importância do diálogo entre tradição e modernidade atravessa todas as matérias da revista citada acima, compreendendo, assim, um esforço bem engendrado e argumentativamente

poderoso com vistas a convencer os portelenses da necessidade de reconfigurar o modo como é realizado o desfile da Portela (e aqui nos referimos aos três processos que o constituem, supracitados). Encontramos a melhor ilustração desse discurso no depoimento da porta-bandeira Danielle Nascimento referente à coreografia que vinha sendo preparada para o desfile de 2014: “Minha mãe passa os ensinamentos, mas decidi ter um profissional para nos dar um toque de inovação na dança”. Ressaltamos que a escolha de Danielle para a função de portar o pavilhão da escola na avenida está intimamente ligada à sua filiação; sua mãe – Vilma Nascimento – foi uma das maiores porta-bandeiras da Portela. Porém, apesar do valor atribuído aos ensinamentos de Vilma, eles não são suficientes atualmente, precisando ser inovados. O fator tradição está relacionado ao laço familiar, à capacidade dela de herdar de sua mãe o dom necessário ao desempenho de sua missão com brilhantismo. Porém, ela não prescinde da técnica ao ter um profissional para auxiliá-la. A inovação de contratar um profissional conjugada à tradição dos ensinamentos passados pela mãe ilustram essa relação tradição/modernidade.

Entretanto, para Ângelo, a tradição portelense pouco tem a ver com os 21 títulos da Águia de Madureira. Em entrevista concedida para nossa pesquisa, nosso informante questiona a importância atribuída à competição carnavalesca, ao desfile, em detrimento do que, para ele, deveria ser o objetivo de uma escola de samba: produzir e preservar o samba:

acho que se quiser manter a tradição da Portela tem muuuita coisa pra fazer, quer manter a tradição da Portela? Você resgatar os grandes compositores da Portela, ver quem são os compositores da Portela hoje, ver que tipo de samba esses compositores hoje fazem. Isso é você manter a tradição [...] E compor pra samba enredo não é manter a tradição da escola! [...] O samba de terreiro é o samba que conta a tradição e as histórias da escola entre um carnaval e outro. Tá tendo algum evento de samba de terreiro? Nós não temos. [...] manter a tradição da escola, se é escola de samba, você tem que fazer samba o ano todo, você não tem que fazer samba só pro carnaval. [...] Agora, se não se fizer samba, quando for em 2020, nós vamos estar cantando samba ainda dos compositores de 1930. Então, assim, tá ótimo.. é inegável que Paulo da Portela, nossa senhora, é inegável, BamBamBam é inegável, Zé Keti, nossa! Quem sou eu pra falar que os caras não faziam samba?! Agora, quer manter a tradição da escola? O que mantém? É a ala dos passistas? “ah, vamos sambar” Ala dos passistas, é a ala dos passistas? É a ala nas baianas? Quero saber o seguinte: quem é que faz samba hoje e fala da nossa história? (13/12/2013)

Para Ângelo, o sentido atribuído à tradição ainda é um sentido ligado à história e à memória, mas com o foco no presente, em fazer algo novo para que seja lembrado no futuro. Pois, como assinala Gondar (2005), há na escolha sobre o que deve ou não ser lembrado “uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir” (p.17). Além disso, os elementos constitutivos desta tradição são outros, diferentes do que vimos anteriormente: o que é genuíno e autêntico é o samba de terreiro<sup>13</sup>, enquanto o samba de enredo é comercial, a deturpação. A partir disso, indaguei “você toca sempre no assunto de que a tradição da Portela é fazer samba, mas a Portela é também conhecida por ganhar- por ser a maior campeã de carnavais. Pra você isso não é uma coisa também que deve ser retomada enquanto tradição?” e a resposta que obtive foi que isto é secundário.

Meses após a entrevista realizada com Ângelo, a Portela promoveu um concurso de samba de quadra (também conhecido como samba de terreiro). O Departamento Cultural em parceria com a Ala dos Compositores organizou o concurso, contando também com Serginho Procópio tanto na concepção do evento, quanto pessoalmente nas apresentações que se iniciaram em maio de 2014. O presidente, portanto, compartilha da mesma preocupação de Ângelo em relação ao incentivo à produção de sambas atuais, embora já tenha dado declarações – como vimos nos capítulos anteriores – destacando o objetivo de ganhar o campeonato das escolas de samba.

Para exemplificar a fluidez do discurso no trânsito entre os aspectos tradicionais e a busca pelo título que ocorre nos dias de hoje, cito um trecho do discurso feito pelo vice-presidente Marcos Falcon no primeiro ensaio para o desfile de 2014, em 21/10/2013 – já sob a nova administração:

a Portela nunca precisou tanto da sua comunidade! E essa é a oportunidade para que nós façamos a nossa parte. Porque a Portela vem sobrevivendo por conta própria, por sua força, por força da sua raiz, pela sua história! E agora é nossa vez de mostrarmos que estamos aqui porque merecemos estar aqui! Porque os nossos

---

<sup>13</sup>Samba de terreiro é o samba que conta o dia a dia da escola; já o samba de enredo é produzido exclusivamente para desfile. O samba de enredo se transforma através do tempo, adequando-se às exigências do desfile (Cf. SIMAS e MUSSA, 2010).

ancestrais, os grandiosos baluartes que por aqui passaram deixaram essa responsabilidade, cumpriram a sua missão! Agora é a vez da nova geração portelense! É a geração de vocês, é a minha geração, é a nossa geração! Que sejamos abençoados por Deus, e que entendamos agora que carnaval é uma grande competição. E é da nossa responsabilidade nos transformarmos em guerreiros, em grandiosos competidores comprometidos com o resultado! E o resultado final é a vitória! (Marcos Falcon, 21/10/2013)

Percebemos, neste texto, como este é um campo contraditório, e como a tradição da Portela está sendo reinventada a todo momento: o passado é evocado para dar impulso ao futuro, à esperança de ganhar um novo título. É preciso vencer, pois este é o legado deixado pelos que vieram antes de nós. Outro elemento interessante presente neste discurso e encontrado em muitas outras falas tanto do presidente como do vice-presidente é “que entendamos **agora** que carnaval é uma grande competição” ou, em outros momentos, “**agora** sim a Portela vai disputar o carnaval”. Ou seja, neste momento não é interessante trazer para o discurso que a Portela já foi a maior competidora, e sim que é **neste momento** em que ela se tornará.

Os elementos do passado, do presente e do futuro coexistem, não sem conflito, mas também não se excluem. Portanto, de acordo com o contexto, em determinado momento pode haver predomínio dos aspectos tradicionais, em outro momento o predomínio de aspectos modernizantes. Por exemplo, em um contexto de ensaio, pode haver uma necessidade política de mobilização da comunidade para a qual seria mais vantajoso acionar uma posição mais tradicional. Ou em um contexto de disputa, que é o desfile, seja mais interessante acionar a questão da modernização. Percebemos, assim, a dimensão política das disputas dentro desse campo. Principalmente, percebemos como é heterogêneo o campo da cultura. É muito notável a posição da Portela no imaginário popular como uma escola tradicional, os próprios portelenses sentem orgulho da tradição de sua escola, porém a busca pelo título também é algo que une estas pessoas.

### 4.2.3. Práticas e símbolos atribuídos à tradição portelense

Quando se trata de cultura popular, é comum encontrarmos um discurso de autenticidade, de pureza da origem. Como vimos, as modificações nas Escolas de Samba foram vistas, *a priori*, como uma deturpação, embora sejam consideradas por Cavalcanti (1999) como inerentes à cultura, já que os processos culturais estão em constante movimento. Porém, o ambiente permanece em disputa: “no desfile das escolas de samba, a dimensão espetacular e mercantil convive (**nem sempre em bons termos**) com aspectos comunitários e tradicionais: relações face a face, compadrio e patronagem andam junto com computadores, publicidade, dinheiro e efeitos *laser*” (p.76, grifo meu). Índícios dessa convivência puderam ser claramente observados nas entrevistas realizadas. Ao serem questionados sobre como a atual administração está provocando mudanças, as cinco pessoas que entrevistei individualmente deram respostas muito parecidas, que privilegiavam os aspectos comunitários, mas também levando em conta o aspecto do campeonato:

**Laís: O que muda, no seu ponto de vista, o que muda pra você, pra instituição com essa nova eleição, dessa presidência?**

Ângelo: Acho que muda a maneira de você enxergar a Portela novamente como um local pra que você possa interagir. Interagir, entender, se divertir... Que você possa realmente brincar o carnaval. E ir ouvir samba, né. Não vou usar a palavra “é pra manter a tradição”, que não é isso, a tradição não é mantida aí. “Ah, qual é a nossa tradição?”, acho que se quiser manter a tradição da Portela tem muuuita coisa pra fazer. Quer manter a tradição da Portela? Você [tem que] resgatar os grandes compositores da Portela, ver quem são os compositores da Portela hoje, ver que tipo de samba esses compositores hoje fazem. Isso é você manter a tradição.

(...)

**Laís: Você toca sempre no assunto de que a tradição da Portela é fazer samba, mas a Portela é também conhecida por ser a maior campeã de carnavais. Pra você isso não é uma coisa também que deve ser retomada enquanto tradição?**

Ângelo: Sim, sim... É, mas..

**Laís: [ou isso é secundário?**

Ângelo: Exatamente isso. É que eu não deixei isso claro. Qual é a liga, o que liga, o que aglutina entre um carnaval e outro? É o samba de terreiro, que faz você ficar na escola o ano todo. Não é ficar na

escola quando lança o enredo. “Ah, começou os ensaios”, volta a comunidade. É exatamente isso. É aquilo que uma vez eu falei, as pessoas frequentavam as escolas de samba o ano todo. E o que faz a pessoa frequentar a escola de samba o ano todo? Os sambas de terreiro, os sambas de partido alto da escola. Eventos comuns da escola. Não é você ir pra feijoada uma vez por mês por que tem um convidado, é você ir por que é um evento portelense. É você ir para o samba de terreiro da Portela não é porque tem um convidado, não. É porque é uma roda de samba na Portela, aí as pessoas já tão lá, aí aquilo fervilha, estão lá, e aglutina e junta e faz a massa. Aí você faz um carnaval tranquilo, que a comunidade tá lá, tá firme, todo mundo lá. As pessoas se conheciam... A movimentação tá ali. Isso hoje tá voltando um pouco, tá voltando, as pessoas se conheciam, as pessoas se movimentam, as pessoas sabem, as pessoas sentem falta. As pessoas tem que sentir falta de ir pra Portela, ali tem que ser o quintal de casa.

(...)

Eu acho que [ainda] não foi entendido até onde é manter a tradição da escola. Manter a tradição da escola é harmonia, conjunto, bateria... E você mantém essa tradição fazendo as pessoas participarem da escola o ano todo. Se nós já conseguimos excelentes pontuações nesses quesitos de chão pensando só em carnaval, você imagina se essas pessoas tivessem participando da escola ali. (13/12/2014)

Ângelo reivindica a escola de samba como um local de socialização e ressalta a importância de se apropriar desse espaço. Inclusive, pontua que um desfile carnavalesco bem sucedido depende do investimento que a agremiação faz também nos aspectos comunitários, e não só em alegorias e fantasias.

**Laís: Em maio de 2013 a gente teve uma eleição de uma nova presidência. O que você acha que essa eleição representa pra escola, pra você?**

Luisa: É um divisor de águas. Essa nova gestão muda tu-do! Muda a auto-estima do portelense. O portelense entrava na sua quadra de cabeça baixa. Dentro da Portela nós tínhamos um ditador, um déspota, o cara era autoritário, não olhava no seu olho sequer. Um cara arrogante. Hoje não, hoje em dia você é tratado com respeito. E mais do que isso, hoje, essa nova gestão te dá a certeza de que a Portela não vem só pra desfilar, tentar não cair, ela vem pra morder mesmo um pedaço grande, quiçá ser campeã. Eu sei que existem muitas mazelas ainda, coisas que devem ser acertadas, mas a gente tá no caminho. E hoje o portelense sente isso, essa nova gestão ela é isso, é esperança mesmo de que a Portela vai voltar a ser quem ela é, ela vai fincar, “olha, tô chegando, que aqui é meu lugar, sempre foi, e acabou.”

**Laís: E como é que você acha que essa gestão tá fazendo isso?**

Luisa: Primeiro, agregando os seus. Ela agrega, né? Ela não tem um ar de superioridade. É assim, você vê nas pessoas: no vice, ou no presidente, um portelense que olha no seu olho, te cumprimenta “oi, tudo bom?”. E assim, eu acho que ela uniu a escola, entendeu?

Sentimento de união. Na verdade, o portelense já era muito unido, acho que o que a Portela tem de melhor na sua escola é o chão. Somos nós, né, e essa direção uniu, unificou muito. Eu acho que esse é o carro chefe da Portela. (19/02/2014)

A fala de Luisa complementa a de Ângelo, no que diz respeito ao “chão” da Portela e o relaciona diretamente com a possibilidade de ganhar o campeonato.

**Laís: Em maio de 2013 a gente teve uma eleição de uma nova administração pra Portela. O que você acha que isso representa?**

Estela: Ah, pra mim foi a salvação. Pra mim, parece que eu recomecei. Tudo. Eu lutei muito pra isso tudo, me envolvi muito com isso tudo (...) Pra mim foi... caramba, hoje eu tava falando isso aqui em casa, foi a salvação da Portela, foi essa nova administração. O Falcon ter metido a cara, o Monarco.. quem se entregou, quem deu a cara.. que salvou a Portela. A Portela tava num buraco sem fim.

**Laís: E como você acha que eles estão salvando a Portela?**

Estela: Com admini- com tudo, com mudanças, né. Não tem uma linda princesa no jardim, saltitante, com estrelas no céu. Não. Tudo muito complicado, eu tenho plena consciência de que ainda vai levar muito tempo pra arrumar a casa, mas eu tenho uma confiança. Sabe, eu tô assim muito confiante. As pessoas falam “ah, esse ano é o ano da Portela! A Portela esse ano vai ganhar!”. Pra mim a Portela já venceu. Mas no sentido de ter sido resgatada. Assim que eu sinto, então isso pra mim já tá bom. Na apuração o que vier, o que der, ta tudo bem, eu tô confiante e tal, mas esse campeonato pra mim - eu falo isso pras pessoas aí - independente se a Portela vai ser a campeã de 2014, pra mim a Portela já ganhou. Porque ela tava no buraco, a Portela tava caída, apagada, humilhada. E, assim, essa nova administração resgatou mesmo a dignidade do Portelense, né. Eu me sinto assim. Eu fui pro ensaio técnico agora de cabeça erguida, sabe? Fui de metrô e quando atravessava a rua “ah, alá o ensaio da Portela”, eu disse assim “é, eu sou **componente** da Portela!”, com muito orgulho, sabe? Muito bom isso, você resgatar isso, você ver que nem tudo está perdido, e que as coisas podem... Quem tem amor pela escola, né, senti isso tão profundo, sabe? Eu sinto a escola se resgatando. E eu tô confiante, assim, já falei ali que a escola, o que precisar de mim... [lágrimas nos olhos] É isso. (19/02/2014)

Embora Estela claramente priorize o impacto afetivo que a mudança causou, ao dizer “ela tava no buraco, a Portela tava caída, apagada, humilhada”, a referência é ao resultado da competição anual.

**Laís: Em maio de 2013 teve a eleição de uma nova presidência, o que você acha que isso representa pra Portela?**

Luana: Eu acho que representa renovação, entendeu? Nós estávamos estagnados, a Portela tava a ponto de descer, não tínhamos um presidente cuidadoso, eu acho que essa nova presidência aí veio pra renovar e fazer com que o orgulho do portelense fosse reavivado, entendeu? Com toda garra que o portelense tem, porque eu acho que ser portelense é religião, vai muito além de uma escola de samba, entendeu? É personalidade, é religião mesmo, então, eu acho que essa direção nova teve essa importância pra nós, portelenses, entendeu?

**Laís: E como você acha que eles estão fazendo essa renovação?**

Luana: Assim, não adianta dizer que a gente vai mudar tudo de um dia pro outro, a casa tava muito bagunçada, mas assim, eu acho que o cuidado, o respeito, que o portelense sente, ele não sentia isso há muito tempo. O portelense entrava na quadra com medo, ele não se expressava com o mesmo amor que hoje ele pode se expressar, entendeu? Então, eu acho que a mudança maior é o respeito que se tem aos portelenses, e o portelense merece isso. (19/02/2014)

Luana também enfatiza amor e respeito, mas expressa sua preocupação com a Portela estar a ponto de “descer”, isto é, deixar de fazer parte do Grupo Especial, principal grupo da competição.

**Laís: Ano passado, em maio, teve a eleição de um novo presidente, uma nova administração. O que você acha que isso representa pra escola?**

Clara: O que eu acho que representa? No caso da Portela, a forma como as coisas estavam sendo conduzidas, eu acho que representou mudança sensacional. Sim, porque mudança é uma coisa muito difícil, né? Porque as vezes a gente pensa em mudar e nem sempre mudar é pra melhor, então rola um medo em relação a isso. Mas eu acho que do jeito que tava, pra Portela, representou vida nova. Você entra na escola hoje, é outro clima. Outra escola. Eu acho que pra Portela foi tudo. Acho que se continuasse a administração passada, nem dá gosto de continuar.

**Laís: E como é que você acha que eles estão fazendo essa mudança?**

Clara: Isso pra mim é mais difícil de responder porque eu voltei a frequentar a escola mesmo de verdade de uns dois meses pra cá, por conta dessa história de faculdade e tal, mas você vê um engajamento maior da administração de fazer aquilo ali funcionar além do individual, além do status, do poder, de ser um presidente de escola, de ser administração de escola, você vê um amor assim, você vê uma vontade de valorizar a comunidade, as pessoas que tão ali, de fazer a coisa funcionar melhor, além do individual que é você tá ali nesse meio. Eu acho isso muito legal. (19/02/2014)

Clara foi a única que destacou apenas os aspectos comunitários e com um discurso voltado quase que totalmente para o presente. Interessante analisar que ela é a mais jovem dos entrevistados, e enfatiza o aspecto tradicional.

#### **4.2.4. Identidade e pertencimento**

Em *A análise da cultura nas sociedades complexas*, Fredrik Barth (2000) nos adverte para desconfiarmos dos padrões claros e da coerência lógica, uma vez que a cultura é um processo dinâmico constantemente negociado na interação. As formas culturais não devem ser pensadas como algo inteiro e coerente, visto que são contraditórias: nem inteiramente autênticas, nem inteiramente corrompidas. Como exemplo dessa contradição, cito uma situação que presenciei na quadra da Portela. Em conversa durante o almoço, em uma feijoada na quadra da Portela, Márcia comentou sobre uma discussão que teve com Estela sobre a suposta necessidade de sempre se vestir com a cor azul nos eventos da Portela: Estela teria feito um comentário sobre o fato de Márcia não estar usando a cor da agremiação, e esta ficou irritada com a insinuação de que isto a fazia “menos portelense”. Márcia disse que confrontou Estela dizendo que seu pai foi compositor da Portela, que frequenta a escola desde que nasceu, comparece a todos os eventos e que não precisa estar de azul para provar que tem uma ligação afetiva com a escola. Ou seja, a importância atribuída a usar as cores do pavilhão da Portela não é compartilhada pelas duas pessoas citadas acima. Os elementos que chancelam a autenticidade da identidade ou do pertencimento não seguem um padrão lógico são negociados em determinada interação e contexto.

Entender a língua como prática que projeta comportamentos sociais e culturais, agindo na estrutura da sociedade, é fundamental em um estudo sobre construção de identidades. Ao pesquisar como as múltiplas identidades se projetam em diferentes circunstâncias, essas observações ajudam a compreender como elas são constantemente negociadas na prática de um contexto específico. No caso de nossa pesquisa, nos guiarão no entendimento

de como são projetadas as várias formas possíveis de ser portelense e quais as suas implicações institucionais e sociais.

De acordo com as observações de De Fina (2006), a identidade de grupo é representada e negociada nas narrativas. Narradores constroem representações compartilhadas sobre quem eles são criando narrativas nas quais as identidades são caracterizadas de maneiras comuns e rotineiramente relacionadas a ações e reações específicas. A análise de como estes narradores constroem relações entre identidades e ações nos proporciona conhecer a natureza das representações de si no grupo, pois nos permite a investigação de traços marcantes nas descrições de si e dos outros e a das consequências que a categoria de pertencimento têm para a ação social.

Portanto, os narradores não só constroem e avaliam mundos sociais, como também se estabelecem como membros de grupos em particular através das escolhas linguísticas, interacionais, retóricas e estilísticas. Assim, o analista do discurso deve perceber quais os traços que o guiarão a fazer injunções para identificar as representações do grupo, as configurações identitárias. A análise das narrativas baseada em um exame textual detalhado pode ajudar a revelar como as representações socialmente partilhadas do grupo são gerenciadas por membros de grupos particulares e que tipos de conflitos e atos de resistência estão associados a elas. Ou seja, o que define as pessoas como membros de um grupo não é somente o conteúdo das suas histórias, mas também a maneira como eles usam os recursos socialmente estabelecidos para contá-las.

As identidades que as pessoas projetam, performatizam, disputam ou discutem são baseadas em ideologias e crenças sobre as características dos grupos e categorias sociais e sobre as implicações de pertencerem a eles. Essas ideologias e crenças subjazem de maneiras complexas o discurso produzido em interação pelos atores sociais, como pude perceber nas observações informais durante os eventos ocorridos na quadra da Portela, não só sobre o que é ser portelense, mas sobretudo sobre o que não é ser portelense. Há exemplos mais simples, como vestir-se com as cores da escola para assegurar seu pertencimento, ou correr o risco de ser questionado em tom de ironia - se estiver de vermelho e branco, por exemplo, ao invés de azul e

branco -: “está indo para o Salgueiro?”. Porém percebemos também questões mais complexas, como a tolerância à criminalidade quando é em favor dos interesses da escola, e o seu rechaço somente quando é visto como prejudicial a estes interesses, como veremos a seguir.

O jogo do bicho teve participação decisiva no financiamento de muitas escolas de samba, inclusive da Portela, e o precursor desta ligação foi o bicheiro e homem forte portelense Natal, a partir nas décadas de 40 e 50. Natal, apesar da contravenção, sempre empenhou seus esforços e seu dinheiro para promover a agremiação. Segundo Simas (2012), ele

nunca fez fortuna. Gastou rigorosamente tudo que ganhou bancando os carnavais da Portela e em benfeitorias no subúrbio. Calçou mais de 40 ruas, construiu cerca de 200 barracos na Favela de São José da Pedra, ajudou na construção das igrejas de São Luiz Gonzaga, São Brás e São José e fez tantos enterros que, em certo momento, chegou a ter uma conta aberta na Funerária Guimarães, em Madureira. (p.68)

Já os desvios ocorridos durante a gestão do último presidente da agremiação Nilo Figueiredo, por exemplo, tinham outros objetivos, conforme o burburinho que percorria a quadra azul e branca desde que comecei a pesquisa, de que o líder não usaria as verbas destinadas à preparação para o desfile para o propósito real, e ganhou coro durante o processo eleitoral, sendo confirmado pelo resultado de um investigação da Polícia Federal sobre desvio de verba pública em maio de 2013. Em entrevista à Radio Globo, em 11/04/2013, o baluarte Monarco criticou o então presidente dizendo “acho que falta amor à Portela por falta de quem administra a escola”, “tem alguém misturado nessa diretoria aí que não ama a Portela”. Apesar de os dois personagens serem ligados à atividades ilícitas, o que confere a legitimidade de suas ações nada tem a ver com a lei, e sim com sua devoção à escola. Natal é considerado “um portelense de verdade”, e Nilo como não-pertencente a este grupo.

Segundo De Fina (2006), o sentimento de pertencimento é central para as identidades, pois elas derivam também de um reconhecimento que um indivíduo tem do seu pertencimento a um grupo social e qual valor e significados são atribuídos a este pertencimento.

#### 4.2.5. “Hoje a Portela voltou para sua comunidade”

A frase do subtítulo acima poderia ser facilmente atribuída à comoção que resultou da eleição de 2013. Mas é de outra ocasião: essa sentença constou em uma faixa, colocada na quadra do GRES Portela, em relação à ocupação da quadra que resultou na saída do então presidente Carlinhos Maracanã, em 2004 (PAVÃO, 2005). Sem muito esforço, notamos a similaridade com o discurso de que a atual gestão fará a Portela “voltar pro lugar dela de direito”.

Consta, no discurso dos Portelenses, um constante retorno. O passado funciona como diretriz para o presente. Na música de Chico Santana “Avante portelense para a vitória / Não vê que o teu passado é cheio de glória”; diante da adversidade política de 2004 que favoreceu a eleição de Nilo Figueiredo; e agora, com a saída de Nilo da presidência, sua expulsão do quadro de sócios, e início de outra administração, permanece a proposta de retomar algo que foi esquecido: “voltar a competir”, “resgatar o orgulho”, “voltar a ser quem ela é”. O futuro que se busca é pautado no retorno ao que já se foi.

A memória é reconstrução o passado de acordo com as expectativas presentes, e não a verdade factual do que passou. Os aspectos tradicionais serão selecionados de acordo com o que se espera do futuro. Ao contrário do que se interpreta, a memória que se constrói da Portela não é uma repetição. Ao evocar o passado de glórias não se pretende que haja de fato uma volta àquela forma antiga, e sim que a Portela se reinvente a partir dela.

Thompson (1998), em *Costumes em comum*, ao analisar as transformações ocorridas pelo avanço do capitalismo na Inglaterra do século XVIII, aponta que a inovação pode ser experimentada pelo povo como a expropriação dos seus direitos, uma destruição violenta de padrões; por isso, a defesa veemente dos costumes pela cultura popular. Porém, como também assinala Hall (2003), há uma dialética na luta cultural por se tratar de um campo de disputa política, onde há expropriação mas também há apropriação. O próprio surgimento das Escolas de Samba se dá em um contexto contraditório, em que é preciso conter e resistir; isto é, para garantir sua

permanência, mesmo que de certa forma oprimida, é necessário ceder às exigências do Estado.

A tradição, por sua vez, também não é algo estanque. Seu conjunto de elementos simbólicos orienta para o passado, em vista de um futuro. Apesar de ser facilmente relacionada com repetição, permanência, de formas do passado, ela também está sujeita às disputas políticas. Os elementos da tradição são negociados e reorganizados podendo se articular a práticas diferentes, ou mesmo adquirir significados novos (HALL, 2003). Portanto, podemos nos deparar com tradições inventadas, ou reinventadas; elementos ressignificados em resposta a mudanças muito rápidas na vida social.

Quando falamos de tradição, estamos também falando de memória. Tal como a memória, ela não se reduz à esfera da representação, pois os sentidos do passado são manejados no presente com vista no futuro que se almeja (GONDAR, 2005). Talvez o conceito de experiência de Benjamin explicita melhor isso, pois o autor relaciona a ideia de experiência com a tradição e também à memória. Falar de experiência em Benjamin é enfatizar duas dimensões distintas: uma “dimensão prático-moral”, que estaria relacionada à uma experiência de vida e às interações entre os sujeitos e uma “dimensão epistemológica”, referente às possibilidades de gnosis (CASTRIOTA, no prelo). Fabris (1988) explica de uma maneira ainda mais clara ao ressaltar que o conceito de experiência pode ser compreendido de duas maneiras: “fazer experiência” e “ter experiência”. A primeira, “fazer experiência”, é entendida como o processo de produção de conhecimento, e “ter experiência” seria o acúmulo deste conhecimento, a bagagem construída através do tempo. Aplicando isto à temática das escolas de samba, notamos que existe a preocupação dos mais velhos em preservar uma tradição musical, a exemplo da Velha Guarda, mas não exatamente com o intuito de repetir formas do passado ou reproduzir os sambistas de outrora. A preocupação é, na verdade, que a história não se perca, que os sambistas de hoje *tenham a experiência* advinda da tradição guiando a produção musical do presente e *fazendo experiência*, isto é, sambas de qualidade.

Na próxima seção, detalharemos o exemplo do que considero o auge da discussão sobre tradição e modernidade durante essa gestão: a contratação do carnavalesco Paulo Barros.

#### 4.2.6 Paulo Barros no voo da águia

Como vimos na seção 3.1, o carnavalesco Paulo Barros foi um dos personagens mais comentados do carnaval nos últimos anos. Apesar de ter iniciado sua carreira de carnavalesco em 1994, na escola Vizinha Faladeira, do grupo B, Paulo Barros teve seu primeiro grande destaque em 2004 com o carro do DNA, na Unidos da Tijuca com as alegorias humanas. Mas foi consagrado a partir do seu inesquecível desfile campeão no seu retorno à Unidos da Tijuca, com o enredo “É segredo!”, em 2010, em que realizou truques de magia em plena avenida. Além do título de 2010, trouxe para a Tijuca os troféus de primeiro lugar também em 2012 e 2014.

Principalmente nos últimos anos, o profissional tem sido alvo de polêmicas por causa das inovações que permeiam seu trabalho. Ao lembrarmos dos últimos desfiles assinados por Paulo Barros, vêm muitas palavras à cabeça, exceto “tradicional”. O colunista Bruno Filippo, em artigo do dia 14 de março de 2013, no site do Jornal O Dia, chega a comparar a influência do carnavalesco na transformação estética do desfile com Fernando Pamplona e Joãozinho Trinta. Porém, Paulo Barros está distante da plástica barroca de seus precursores. Cito abaixo o que diz Filippo sobre os três carnavalescos:

Todos os carnavalescos trilharam este caminho, sem deixar de firmar estilo próprio. Paulo Barros, no entanto, é o ponto fora dessa curva. Podem-se listar três aspectos básicos de seu estilo:

**Alegorias humanas** – Nelas, os componentes não são destaques que complementam o visual e a mensagem alegórica, como nos carros tradicionais. Os componentes são o próprio carro, em constantes movimentos que, alternando construções imagéticas, encerram significados do enredo;

**Elementos não carnavalizados** – Carros que, sem a estilização carnavalesca, ou podem ser levados para a avenida em sua

concretude, como se estivessem fora do desfile (a pista de gelo da Viradouro, em 2008, por exemplo); ou, aos olhos mais tradicionais, parecem carentes de acabamento (a rampa de descida dos super-heróis, em 2010); ou se assemelham a criações de arte contemporânea (o fusca preto de 2005).

**Ícones da cultura de massa** – Referência a elementos da indústria cultural: Michael Jackson, Priscila, a Rainha do Deserto, Playmobil - o que permite a fácil identificação do público. (Jornal O Dia Online, 14/03/2013)

Podemos observar que um dos itens é chamado pelo próprio jornalista de “não carnalizado”, sugerindo que há ainda resistência em compreender os elementos introduzidos por Paulo Barros como legítimos do carnaval.

Embora o carnavalesco divida opiniões no mundo do samba, uma parece ser consenso: Paulo Barros rompe com os elementos entendidos como *tradicionais*. Abaixo, transcrevo parte da entrevista dada por ele ao jornalista Leo Dias, na ocasião de sua saída da Unidos da Tijuca e entrada na Mocidade Independente de Padre Miguel para assinar o carnaval de 2015:

**Você acha que caberia numa escola mais tradicional como a Mangueira ou a Portela?**

Não sei se seria exatamente fácil ou difícil. Se o convite fosse feito numa escola com a imposição de não poder mexer em alguns pontos fica difícil.

**Entendo. Como você não poderia mexer na águia da Portela, certo?**

Talvez pudesse...

**Na Mocidade tem uma estrela. Como fica?**

A estrela, eu já resolvi com Rogério (Andrade, patrono da escola). De repente, a estrela da Mocidade tira férias no próximo Carnaval... Não sei ainda (risos). (Jornal o Dia, 22/03/2014)

De fato, no desfile de 2015, o símbolo maior da Mocidade, sua estrela, não esteve no carro abre-alas. Mas o que nos chama atenção nesta matéria é seu caráter quase que profético.

Em 25 de fevereiro de 2015, ousou dizer, todos os portelenses se surpreenderam com a notícia inusitada: Paulo Barros será o carnavalesco responsável pelo desfile da Portela em 2016. Agitação total na mídia e nas redes sociais, parecia que de fato ninguém poderia imaginar tal aliança. Para

exemplificar a total descrença de um possível vínculo entre Paulo Barros e a Portela, trago as publicações públicas de dois compositores portelenses em seus perfis do *facebook*, em março de 2014, após o último campeonato da Unidos da Tijuca com o carnavalesco:

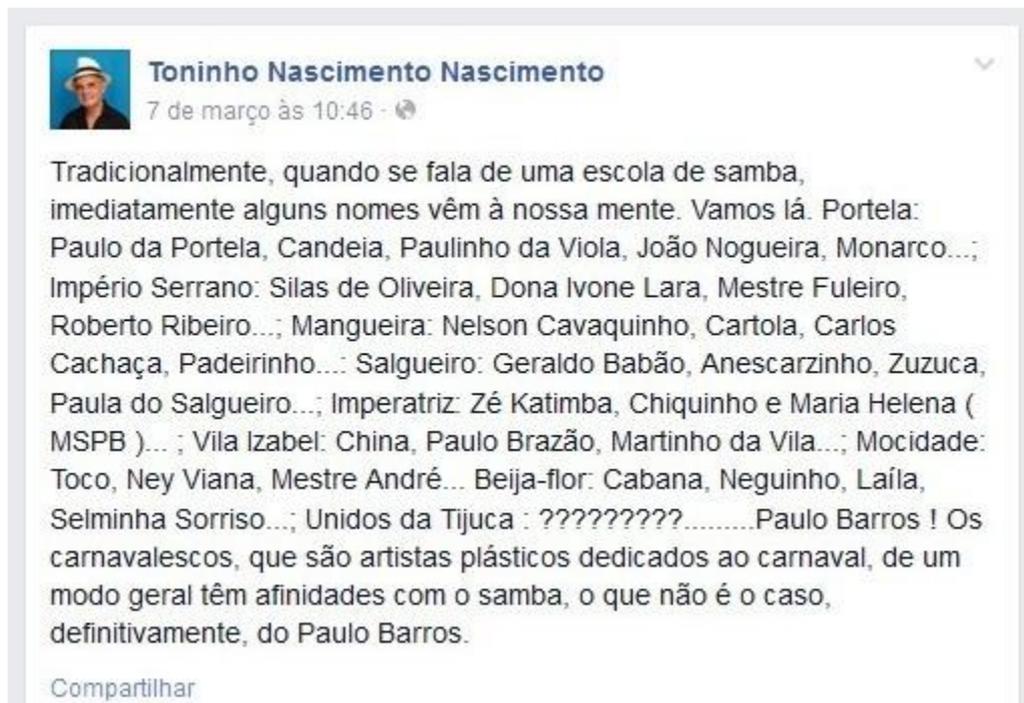


Figura 6: Publicação na rede social *facebook* sobre o carnavalesco Paulo Barros

O compositor Toninho Nascimento afirma de forma categórica que o polêmico carnavalesco não corresponde às exigências do mundo do samba, fazendo uma crítica também à escola Unidos da Tijuca por ter como referência um único nome que, na sua opinião, não tem uma relação legítima com o que entende por samba e carnaval. O seu parceiro na composição de três sambas-enredo da Portela, Luiz Carlos Máximo, faz uma colocação mais ponderada:

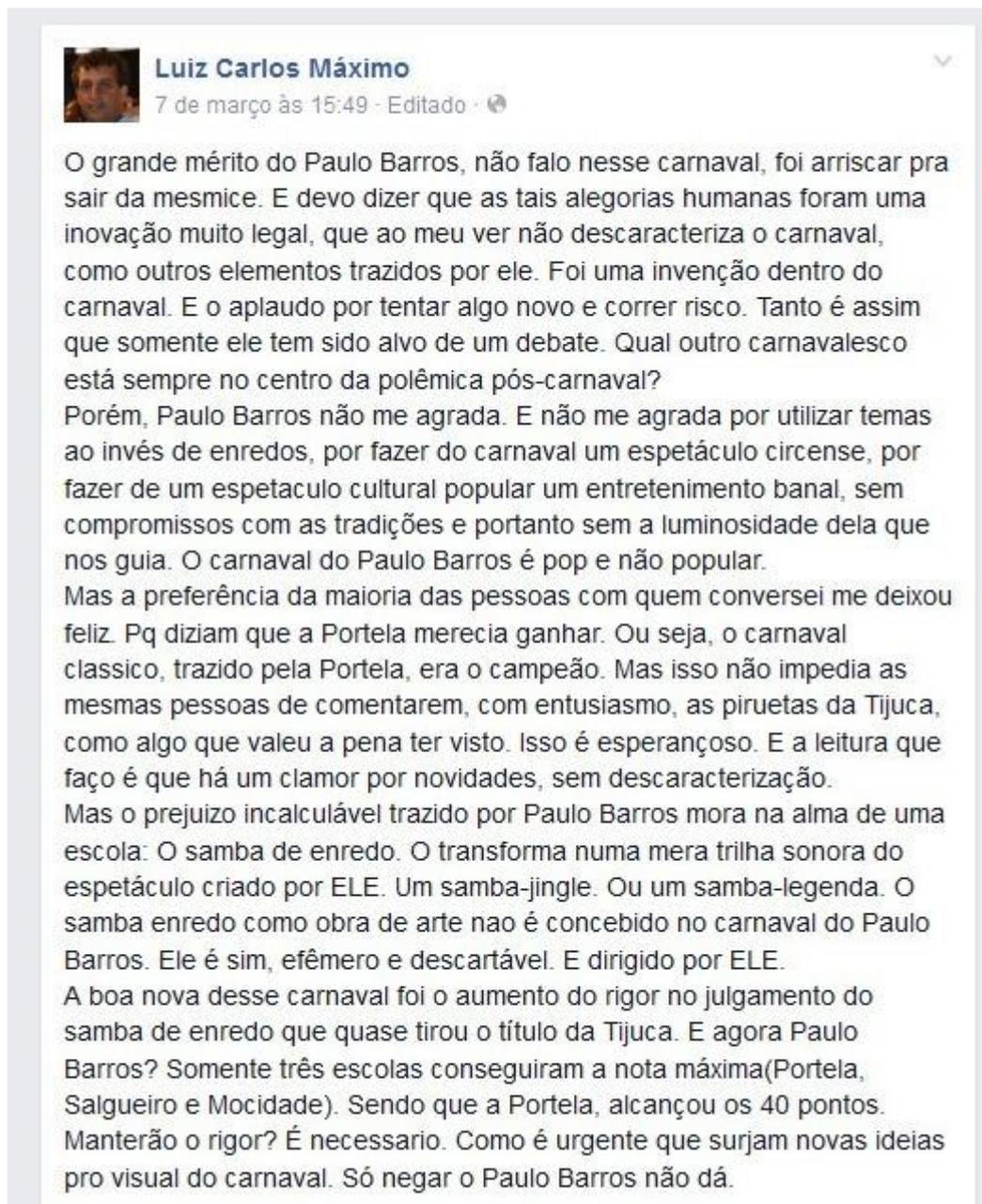


Figura 7: Publicação na rede social *facebook* sobre o carnavalesco Paulo Barros

Apesar de reconhecer o mérito do carnavalesco em relação à busca de novas soluções para o desfile carnavalesco, o compositor entende que as inovações trazidas por Paulo Barros comprometem um aspecto ligado à tradição e muito valorizado na Portela: o samba-enredo.

As declarações de 2014 não são muito diferentes dos discursos que emergiram no ano seguinte, frente à divulgação da contratação do carnavalesco pela escola de Oswaldo Cruz e Madureira. Um misto de surpresa,

decepção, revolta, incredulidade e... esperança atingiu os portelenses. De imediato, percebi nas redes sociais e em mensagens enviadas por amigos, uma completa insatisfação com a decisão da atual administração. Mas com o passar dos dias, grande parte da comunidade não só se conformou, como também passou a ver na aliança uma real possibilidade da conquista do vigésimo segundo título.

Algo que acredito ter contribuído para tranquilizar os portelenses foi a matéria do site Carnavalesco, dias após o comunicado polêmico, que noticiava uma reunião do novo carnavalesco da Portela com dois baluartes da agremiação – Monarco e Noca da Portela – e o vice-presidente Marcos Falcon, a essa altura já estabelecido pelo senso comum como “patrono” e “homem forte” da escola. O encontro foi coroado com a seguinte declaração do Presidente de honra:

A história portelense sempre foi de inovação. Foi a Portela que criou a comissão de frente e o apito na bateria, por exemplo. Foi a Portela que colocou pela primeira vez uma mulher tocando surdo. Na época que o Natal era o braço forte, tudo o que fazia sucesso em outra escola, tudo que tinha muita repercussão, ele mandava buscar para a Portela. Então, eu garanto que se o Natal ainda estivesse por aqui, esse rapaz, talentoso e criativo do jeito que é, já estaria com a gente há muito tempo. (Site Carnavalesco, 05/02/2015)

Monarco, em declaração similar a de Simas (citada na seção 4.2.2), seleciona o sentido de inovação para relacionar à tradição portelense. E acessa a memória de Natal, homem forte mais expressivo da história da Portela, para cancelar Paulo Barros não só como legítimo para estar na agremiação, mas tornando-o quase que como uma escolha óbvia, desconstruindo parte da consternação apresentada por muito dos portelenses.

Percebemos, na fala de Monarco, que “em um campo múltiplo e móvel como o da memória social, toda perspectiva envolve a escolha de um passado e a aposta em um futuro” (GONDAR, 2005). O presidente de honra, nesse momento, seleciona o passado que serve a seu interesse **do presente**, ao contrário da música que vimos anteriormente em que defendia que na “simplicidade eras mais feliz”.

Em entrevista ao Jornal Extra, em 08/05/2015, o vice-presidente Falcon diz:

**Na Mocidade, ele mexeu em setores estratégicos da escola, como no casal de mestre-sala e porta-bandeira. Terá essa liberdade na Portela?**

Não se mexe naquilo que é fundamental para o êxito de uma escola. Se ele botar fogo na porta-bandeira da Portela, boto fogo nele. (Jornal Extra, 08/05/2015)

A pergunta foi motivada pelo episódio do desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel, em que o casal de mestre-sala e porta-bandeira foi incorporado também à comissão de frente, e a fantasia dela era composta por um material especial que pegava fogo na avenida. Além do casal ser um quesito que vale 10 pontos, a porta-bandeira também é considerada um elemento da tradição, pois é ela a guardiã do pavilhão. A tradição opera, portanto, como uma mediadora do que é ou não é permitido.

## 5 APURAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

a memória é tecida por nossos afetos

Jô Gondar

Durante o tempo desta pesquisa, procurei observar como a tradição portelense é revisitada pelas pessoas daquela comunidade e do mundo do samba, de modo geral. Como disse no início deste texto, o assunto não se esgota aqui, muito menos se conclui. Deixei aqui minhas impressões absolutamente parciais. Apesar de utilizar uma variedade de dados, exatamente em busca de um olhar mais amplo sobre meu objeto, a memória não é imparcial. O meu posicionamento perpassa toda a minha pesquisa exatamente no que eu seleciono lembrar, trazer à baila, o que nem sempre ocorre de forma totalmente consciente. A direção do meu olhar está influenciada pelas minhas experiências, meus valores: pelas minhas numerosas leituras e reflexões sobre as técnicas do trabalho etnográfico, sobre a Memória Social, mas também pela minha identidade portelense e vários outros elementos que constituem minha subjetividade. Além disso,

Não existem, contudo, memórias fora de um contexto afetivo. Se, como artifício explicativo, desdobrarmos o processo de produção da memória em algumas etapas, deveremos considerar o afeto como a primeira. De todas as experiências que nós vivemos no aqui e no agora, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações. Todavia o que nos afeta é o que rompe com a mesmidade em que vivemos; a mesmidade não nos impressiona ou nos marca. (GONDAR, no prelo)

Portanto, principalmente, posso afirmar que o fio a partir do qual é tecida esta dissertação é o afeto.

Neste trabalho, vimos que as Escolas de Samba do Rio de Janeiro emergem em um contexto histórico-político de intensa disputa, o que Hall chamaria de “campo de batalha” (2003, p.260), com a política de institucionalização das práticas culturais relacionadas aos negros e mestiços, na década de 30. Os sambistas cedem às exigências do Estado, mas como

forma de resistência e não de submissão. Surge, assim, uma instituição permeada de contradições. Nos anos 60 e 70, as agremiações passam por mudanças muito intensas com a inserção da classe média e a modernização da estética dos desfiles, resultando em reações contundentes de alguns sambistas, como a de Candeia, que rompe com a Portela e funda o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo. Esse conflito entre tradição e modernidade, invariavelmente, é abordado em toda literatura que se dedica ao tema das escolas de samba, já que vemos reflexo disso nos dias atuais.

Quando houve a eleição de um novo grupo para administrar o GRES Portela, percebi que a tradição da Portela era evocada constantemente para legitimar determinados discursos e que, quase sempre, esses discursos atribuíam múltiplos sentidos a esta tradição. Este contexto conduziu-me ao desejo de compreender: a) Qual o entendimento do conceito de tradição para os portelenses? e b) Quais são os elementos (conjunto de práticas e símbolos) atribuídos a essa tradição?

A emblemática frase, título desta dissertação, foi dita muitas vezes e por muitas pessoas, no decorrer do primeiro ano da referida gestão: “O axé da Portela voltou!”. Certamente pode-se atribuir a esse axé um sem-número de sentidos. Mas a partir do que observamos neste trabalho, podemos atribuir-lhe também o significado da tradição. Ou melhor, a busca pela valorização da tradição enquanto processo criativo consoante com a memória compartilhada e ratificada pela agremiação. A tradição que *volta*, não que *volta* a ser praticada tal qual antigamente, enquanto repetição ou continuidade, mas que *volta* como ferramenta de luta acionada para sancionar as transformações ou mesmo inventar nossas possibilidades.

Ao compreender a cultura como um processo dinâmico, percebemos a intrínseca relação entre memória social, identidades e tradição, visto que são construídas e reconstruídas socialmente no âmbito interacional. E, por serem construções sociais, estão em constante disputa e negociação. Desta forma, ao vivenciar o cotidiano dos integrantes da Portela em eventos diversos, pude perceber como são múltiplos os significados relacionados à sua tradição, como estes sentidos emergem durante a interação e estão a todo momento sendo

negociados. Fazer samba de terreiro, inovar no desfile e se vestir com as cores da escola: todas são reconhecidas práticas tradicionais portelenses, mas que são selecionadas e negociadas de acordo com a situação interacional, suas razões e objetivos. O conjunto de práticas culturais que será privilegiado pelo grupo estará definitivamente influenciado pelo aqui e agora, e em constante processo de construção, reconstrução, ratificação e criação.

A luta cultural não é um processo polarizado: tradição x modernidade, samba x desfile/título. É um emaranhado, tecido por expectativas e afetos. Expectativas estas que podem variar de acordo com o contexto, com o que se quer reivindicar. Pode parecer contraditório, mas não é: não existem dois ou mais caminhos que levam para direções diferentes, é um caminho com sinuosidades, curvas fechadas, bloqueios, retenções, em constante movimento, fluxo. Como vimos, no exemplo do ex-presidente Nilo, ao barrar a velha guarda no desfile, a escola tomou uma decisão técnica de acordo com o que seria mais importante. Naquele momento, venceu o desfile, o evento, em detrimento do afeto e da memória. Mas não quer dizer que isso acontece ou aconteceria sempre, e não sem disputa. O que lembrar e o que esquecer está sendo constantemente negociado.

Levar em consideração o contexto é imprescindível para a análise do processo interacional. Uma vez que, considerando a dimensão política da linguagem, é através do discurso que construímos e ratificamos valores e ideias, influenciando na vida social e em suas relações de poder. Desta maneira, não podemos ignorar que, atualmente, a construção de sentidos atribuídos à Portela está diretamente relacionada ao contexto de transição da administração da escola, e influenciada pela memória do passado de glória da Portela, que está vivo no presente e alimentando a fé em um futuro de vitórias.

Quando a nova administração da Portela evoca sua tradição, disputa seus sentidos, atribui elementos, constrói-se uma memória, juntamente com a comunidade portelense, que é sobretudo uma aposta no futuro. Compreende-se as práticas culturais de determinado grupo, “não como ‘formas de vida’, mas como ‘formas de luta’” (HALL, 2003, p.260). Hall nos alerta que a tradição não consiste em perpetuar formas do passado, mas em reorganizar esses elementos podendo atribuir-lhes novos significados. Portanto, ao inserir

determinada forma cultural em uma tradição supostamente já estabelecida, ela ganha novo valor e relevância (HALL, 2003). Em busca do que se deseja para o futuro, a tradição opera no presente, portanto, como uma forma de luta, dentro deste complexo grupo social.

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação participante**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008

ARAÚJO, H. **Carnaval: seis mil anos de história**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

BARTH, F. “A análise da cultura nas sociedades complexas”. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

BASTOS, L. C. **Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa**. S. Leopoldo: Calidoscópio, v.3, n.2, 74-87, 2005.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BENJAMIN, W. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” [1936]. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas; v. 1. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 222-232. 1994.

\_\_\_\_\_. “Experiência e pobreza” [1933] In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas; v. 1. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 114-119. 1994.

\_\_\_\_\_. “Sobre alguns temas em Baudelaire” [1939]. In: \_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire: um Lírico no Auge do Capitalismo**. Obras escolhidas; v. 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CABRAL, S. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar. 1996.

CASTRIOTA, L. B. **Experiência, narração e memória em Walter Benjamin: aproximações**. No prelo.

CAVALCANTI, M. L. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1999.

\_\_\_\_\_. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2008.

COUTINHO, E. G. **Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição em Paulinho da Viola**. – 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

DEALTRY, G. F. **No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

DE FINA, A. “Group identity, narrative and self-representations”. In: \_\_\_\_\_.; Schiffrin, D.; Bamberg, M. (orgs). **Discourse and Identity**. Cambridge University Press, 351-375, 2006.

\_\_\_\_\_. “Narrativa e identidade: uma perspectiva discursiva do relato e do sujeito”. In: Almeida, F. A; Gonçalves, J. C. (orgs). **Interação, contexto e identidade em práticas sociais**. EdUFF, 117-143, 2009.

DENZIN, N., LINCOLN, Y. Introdução. “A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa”. In Denzin, N., Lincoln, Y. (orgs) **O Planejamento da pesquisa qualitativa. Teoria e abordagens**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006, 15-41.

FABRIS, A. **Kant e il problema dell’esperienza**. *Teoria*, Pisa, I, 1988.

FERRARI, P. “A construção da notícia em tempo real”. In: **Hipertexto, hipermídia**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERREIRA, F. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FILIPPO, B. **A influência de Paulo Barros**. Portal O dia na folia, março, 2013. Disponível em <http://odia.ig.com.br/portal/o-dia-na-fofia/artigo-a-influ%C3%Aancia-de-paulo-barros-1.560469>. Acesso em: 08 maio, 2015.

GONDAR, J. “Cinco proposições sobre memória social”. In: Dodebei, V. Farias; F. R. (orgs). **Por que Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa, no prelo.

\_\_\_\_\_. “Quatro proposições sobre memória social”. In: \_\_\_\_\_.; Dodebei, V. (orgs). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

\_\_\_\_\_. “Memória, poder e resistência”. In: \_\_\_\_\_., J.; Barrenechea, M. (orgs). **Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.

GEE, J. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. London: Routledge, 1999.

HALL, S. "Notas sobre a desconstrução do popular". In: **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBSBAWN, E. "Introdução: A invenção das tradições". In: \_\_\_\_\_.; Terence, R. (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, L. B.; JABOR, C. **O Mistério do Samba**. Rio de Janeiro: VideoFilmes. 88 min, 2008.

JUNIOR RODRIGUES, N. **O que faz a velha guarda, Velha Guarda?** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

MORAES, E. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006

PAVÃO, F. **Uma comunidade em transformação**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, 2005.

POLLAK, M. "Memória, esquecimento, silêncio". In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

\_\_\_\_\_. "Memória e identidade social". In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-2012. 1992.

SIMAS, L. A. **Tantas páginas belas: histórias da Portela**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_.; MUSSA, A. **Samba de Enredo: história e arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

VALLE, A. M. L. **Nas Entrelinhas do Visível: Mira Schendel encontra Walter Benjamin**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015

VARGENS, J. B. M. **Candeia: luz da inspiração**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Almadena, 2008.

\_\_\_\_\_. MONTE, C. **A Velha Guarda da Portela**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

**Sites consultados:**

Carnavalesco - <http://www.carnavalesco.com.br>

Facebook - <http://www.facebook.com>

Folha de São Paulo - <http://www.folha.uol.com.br/>

Liesa Oficial - <http://liesa.globo.com/>

Marquês da Folia - <http://marquesdafolia.com>

O Dia - <http://odia.ig.com.br>

Portela Oficial - <http://www.gresportela.org.br>

Portela Web - <http://www.portelaweb.com>

SRZD - <http://www.sidneyrezende.com>

Uol - <http://noticias.uol.com.br/carnaval>

## ANEXO A

Entrevista 1: Ângelo

Data: 04/10/2013

### **L: Me conta uma história que ilustra essa sua relação com a Portela.**

Ângelo: Uma história que ilustre minha relação com a Portela. É bem aquela questão de família, de domingo, era tradição na minha família, domingo meu pai botar CD, LP pra tocar. Os LPs que meu pai botava pra tocar eram os LPs que traziam músicas da Portela. Tinha um LP que eu não consegui recuperar, que eu nunca mais vi, que tocava os sambas da Portela, e o samba emblemático que tocava aquele 'jaqueira da Portela' do Zé Ketí. Então, o meu domingo era um domingo ouvindo os sambas da Portela. Então, eu aprendi a ser portelense dentro de casa com meus pais e é quando eles tiravam pra contar as histórias sobre isso, é quando tava meu pai e minha mãe contando as histórias de quando eles iam a Portela, de como eles faziam. Então, é o que ilustra minha relação com a Portela é a minha criação, é meu domingo em casa com meus pais, né. Aquela coisa do almoço e depois do almoço era tocando o samba da Velha Guarda da Portela, era tocando os CDs da Portela, falando da Portela, falando dos desfiles, falando do samba. Então, assim, é uma coisa que pra mim era conversa de família, então ficou isso incutido. E eu lembro que a primeira vez que meu pai me levou a Portela, ele não me levou pra Portela num ensaio, ele me levou na Portela pra me mostrar a quadra, ele não me levou num ensaio "ah, vamos num ensaio", não. Ele me levou num dia da semana, sei lá que dia era aquilo, e me levou pra ver a quadra. "Aqui é a quadra da Portela, aqui é a quadra da Porteeela, não sei o que, aí a gente vem, e bebe chopp ali". Então, assim, parecia que eu tava indo, nesse dia, que eu fui pra casa de um parente visitar, não era uma coisa assim "vamos pra um...", parecia a casa de um parente. Eu cheguei na quadra, tinha gente, não tinha nada na quadra, não era festa, mas eu lembro assim, tinha um pessoal tomando cerveja, não sei o que.. Então, assim, é essa relação, o que me ilustra é a maneira como fui criado, faz parte do meu dia a dia, era meu dia a dia, era falar da Portela com meu pai e com a minha mãe, né. Tá incutido nisso, né. Não sei ver, não tem assim uma história única, é uma história de vida. Se tiver uma história única, é uma história de vida. É uma história de vida. Ah, eu lembro momentos da minha vida, eu lembro, quando teve uma apuração, apuração no quarto batalhão onde meu pai era policial militar e a apuração foi lá dentro. Eu lembro quando ele falava do Carlinhos Maracanã. Eu lembro quando ele falava...

### **L: O que ele falava do Carlinhos Maracanã?**

Ângelo: Não, ele falava que o Carlinhos Maracanã era um bicheiro, "o português é maluco, é maluco". Meu pai era um policial linha dura, "ah, o cara é maluco". Então, tinha uns pontos do bicho. Então nos pontos de jogo do bicho, naquela época, em São João de Meriti, eram coisas apadrinhadas que vinham do Carlinhos Maracanã. Era o Carlinhos Maracanã que tomava conta daquela região também ali. Agora não sei, era Carlinhos Maracanã e depois... Nilópolis já era o Anísio, mas ali ainda era Carlinhos Maracanã. Então, falava-se da Portela também nos bares, né, então falava-se, as pessoas saíam de São João, aí saíam de São João pra ir pra Portela. As escolas de samba que

nasceram em São João, nasceram com as cores da Portela, Unidos da Ponte azul e branca, um bloco que tinha que terminou, o Galeria, era azul e branco, todo mundo que era da Unidos da Ponte, que era do grupo de acesso, todo mundo que era do Galeria desfilava na Portela. Então, assim, era dia a dia, era coisa assim de estar ali, não tinha como você não falar na Portela. Primeiro baile charme que eu fui foi na Portela. Baile charme, a gente ia pra Portela. É aí quando o Carlinhos Maracanã abriu o Para Todos na Pavuna, ele botou um baile de charme, porque era longe ir pro baile charme da Portela, aí ele abriu o Para Todos na Pavuna que era mais perto pra essas pessoas. Então, assim, tudo que se fazia na minha infância, a referência era Madureira. Então, a nossa referência de escola de samba era Madureira, a nossa referência de baile de charme era Madureira. Então era tudo... e baile de charme era na Portela. Tinha um negócio no viaduto, mas era baile charme na Portela. Então, era a referência era essa, carnaval de rua, porque o carnaval de rua com a bateria da Portela. Então, assim, fazia parte da minha infância. A história... “ah, uma história”... não... é a minha infância toda, infância até eu me tornar militar, foi tudo ali.

**L: Obrigada, Ângelo.**

Entrevista 2: Ângelo  
Data: 13/12/2013

**L: O que muda no seu ponto de vista, pra instituição, com essa nova eleição dessa presidência?**

Ângelo: Acho que muda a maneira de você enxergar a Portela novamente como um local pra que você possa... interagir. Interagir, entender, se divertir... que você possa realmente brincar o carnaval. E ir ouvir samba, né. Então, não vou usar a palavra “é pra manter a tradição”, que num é isso, a tradição não é mantida aí, eu acho que a tradição não é mantida- a tradição não é- não é- “ah, qual é a nossa tradição?”, acho que se quiser manter a tradição da Portela tem muuuita coisa pra fazer, né, muuuita coisa. Quer manter a tradição da Portela? Você resgatar os grandes compositores da Portela, ver quem são os compositores da Portela hoje, ver que tipo de samba esses compositores hoje fazem. Isso é você manter a tradição, né. Não é a Velha Guarda que vai manter, eu não acredito que vai ser a Velha Guarda que vai manter a tradição da escola. A Velha Guarda Show ou a velha guarda. Tão compondo? Não. A Velha Guarda Show faz show porque é a Velha Guarda Show. A galeria da velha guarda toca lá, mas tá compondo? Tem letra? Quais são as letras? Cadê os grande- aí você pega assim: Zé Ketí, você tinha Zé Ketí, você tinha João Nogueira, você tinha compositores portelenses que compo- né, Wilson Bati-, né... é... Wilson Moreira, né, se eu não me engano, eu sempre troco os wilsons. É... mas faziam, tinham composições o ano todo. Quem você tem hoje na ala dos compositores da Portela? Você tem Luiz Carlos Máximo, você tem Wanderley Monteiro, você tem o Toninho Nascimento, né... você tem o Celso Lopes, não é isso? Que ganhou? O Celso Lopes... Esses caras estão compondo o ano todo? Ou só compõe pra samba-enredo? E compor pra samba enredo não é manter a tradição da escola! Isso não é manter a tradição da escola. Né? O que quando a gente diz assim “aaah, vamos manter a tradição da escola”, aí você começa a cantar samba de 1930, do Paulo, não sei o quê, até a década de 70, aí você pega sambas como você já viu do sr. Marquinhos, como você pega sambas novos do Monarco, isso é manter a tradição da escola, você vai contar... O que que é o samba de terreiro? O samba de terreiro é o samba que conta a tradição e as histórias da escola entre um carnaval e outro. Tá tendo algum evento de samba de terreiro? Nós não temos. O que é o “Botequim do Império”? Qual é a tentativa do “Botequim do Império”? Que agora já virou uma outra coisa, era todo sábado ter uma roda de samba na quadra do Império! Pra manter tradição de se cantar samba o ano todo. A Portela tem isso? Não tem. Então, a gente não tá mantendo a tradição não. É ótimo, por exemplo, o departamento cultural fazer... Fazer a camisa. É ótimo isso. Faz a camisa, faz cine samba, debate, agora é o seguinte: isso não é manter a tradição da escola. Isso resgata... Isso resgata nomes importantes, ligações... Agora manter a tradição da escola, se é escola de samba, você tem que fazer samba o ano todo, você não tem que fazer samba só pro carnaval. Como é que você mantém a tradição da escola? Quem são os compositores? Cadê a roda de samba dos compositores da Portela? Aí você mantém. Então, a minha dificuldade com a relação hoje, pra falar essa coisa de “ah, vamos manter a tradição”, cadê a roda de samba dos compositores da Portela? É ótimo fazer exposição, manter o carnaval... é ótimo. Isso é importantíssimo. Contar nossa história. A gente vai contar nossa história. Outro dia colocaram

no *facebook* “qual é o melhor samba que teve não sei o que lá...?” De 1981, um samba de enredo, nananananana. Pra mim, o melhor foi 2012. Eu acho que 2012 foi lindo. 2012 foi lindo. 1981?! Então reedita o samba e bota agora, vamos ganhar carnaval com ele.... Né? Eu acho que o que mantém a tradição da escola? É quando... é o samba de terreiro [cantando]“quem é que não se lembra da jaqueira, a jaqueira da Portela, velha amiga e companheira, eu sinto saudade dela”[/cantando]. Samba de terreiro, sabe? Aí o cara conta a tradição da escola durante o ano. Aí chega carnaval... Tem um vídeo do sr Wilson falando isso, não se faz mais samba de terreiro, é isso que mantém a tradição da escola. É escola de samba? Mas não é samba de enredo, é samba de partido alto, samba de terreiro, é roda de samba. Isso mantém a tradição da escola. Então, você pega... por que que, né, Monarco faz samba de enredo? Pra você ver a diferença que tinha que- qual era a diferença que se tinha numa ala de compositores, to falando até de repente de intrusão, que que você tinha? Você tinha Waldir 59 que faz sambas de terreiro, não faz só samba enredo, você tinha Candeia que faz samba de terreiro, Paulinho da Viola que faz sambas fantásticos sem ser samba de enredo, você tem isso hoje na escola? Você sabe quais são... você consegue pegar hoje os compositores lá quem é da Portela que faz samba o ano inteiro aí? Você não tem. Na minha casa, tinha um... meu pai tinha um LP, na época, um LP com os sambas da Portela, mas não era sambas de enredo não, eram sambas da Portela. Um bolachão com sambas da Portela. Você tem isso hoje? “Ah, você vai ter que ir pra [não compreendi]”. Cadê? Então isso mantém. Ah, a relação hoje, né, essa questão, a gente, eu acho que a minha relação hoje, ela é pra buscar isso, Eu acho que departamento cultural é pra... Então, a minha talvez a palavra seja angústia é isso, po, cara, legal, mas e aí? Manter a tradição pra mim é isso. Manter a tradição não é “ah, por que a velha guarda tem que desfilar”, “ah, porque tem que ter a velha guarda no palco”, “ah, porque tem que... ah, porque tem que... a ala das baianas tem que... a ala das baianas tem que ter uma...” ótimo, acho isso importantíssimo. Eu acho isso importante, sim. Preservar a galeria da velha guarda, ter um espaço pra galeria da velha guarda, po homenagear demais a velha guarda da Portela, né... tudo isso é importante. Valorizar realmente quem já vestiu, que já sambou, quem já foi baiana, valorizar isso tudo. Agora, se não se fizer samba, quando for em... 2020, nós vamos estar cantando samba ainda dos compositores de 1930. Então, tá ótimo... é inegável que Paulo da Portela, nossa senhora, é inegável, Bam Bam Bam é inegável, Zé Keti, nossa! Quem sou eu pra falar que os caras não faziam samba?! Agora, quer manter a tradição da escola? Quer... O que que mantém? É a ala dos assistentes? “ah, vamos sambar..” Ala dos assistentes, é a ala dos assistentes? É a ala nas baianas? Quero saber o seguinte: quem é que faz samba hoje e fala da nossa história?

**L: E você não acha que tá tendo uma mudança no modo de ver também o desfile? Por que a Portela já foi muitas vezes campeã...**

Ângelo: Sim, tá..tá diferente.

**L: Você toca sempre no assunto de que a tradição da Portela é fazer samba, mas a Portela é também conhecida por ganhar, por ser a maior campeã de carnavais. Pra você isso não é uma coisa também que deve ser retomada enquanto tradição?**

Ângelo: Sim, sim... é, mas...

**L: Ou isso é secundário?**

Ângelo: Exatamente isso. Né? É que eu não deixei isso claro. Qual é a liga, o que que liga, qual é o... o que aglutina entre um carnaval e outro? É o samba de terreiro, que faz você ficar na escola o ano todo. Não é ficar na escola quando lança o enredo. “Ah, começou os ensaios”, volta a comunidade. É exatamente isso, o que fazia... é aquilo que uma vez eu falei, as pessoas frequentavam as escolas de samba o ano todo. As pessoas frequentavam, e o que faz a pessoa frequentar a escola de samba o ano todo? Os sambas terreiro, os sambas de partido alto da escola. Eventos comuns. Eventos comuns da escola. Né? É aquilo que eu... Né? Não é você vai feijoada uma vez por mês por que tem um convidado, é você ir por que é um evento portelense. É você ir para o samba de terreiro da Portela não é por que tem um convidado, não. É por que é uma roda de samba na Portela, aí as pessoas já tão lá, aí aquilo fervilha, estão lá, e aglutina e junta e faz a massa. Aí você faz um carnaval tranquilo, que a comunidade tá lá, tá firme, tá não sei o que, todo mundo lá, então é essa... As pessoas se conheciam, a movimentação tá ali. Isso hoje tá voltando um pouco, tá voltando, as pessoas se conheciam, as pessoas se movimentam, as pessoas sabem, as pessoas sentem falta, as pessoas tem que sentir falta de ir pra Portela, ali tem que ser o quintal de casa. Então essa questão, a preocupação de você ganhar o carnaval, tem que ter, sim.

**L: Você lembra de algum título assim, na memória, da Portela ganhando carnaval? Tem alguma memória de Portela ganhando Carnaval?**

Ângelo: Ah, eu tenho quando aquele que foi dividido, quando voltou aí, quando foi aí o... quando inauguraram o sambódromo, aí era campeã do primeiro dia, campeã do segundo dia, e depois tinha a tal de a super campeã, aí a mangueira ganhou como super campeã. Então lembro, lembro desse, lembro bem desse ano, foi o primeiro ano do sambódromo, foi tudo diferente, e foi uma coisa legal, então eu lembro muito disso... é... mas aí então uma coisa, né, a Portela, “ah ser campeã e tal”... é legal isso, mas eu sempre gostei de ver essa questão de... sinceramente, nunca me preocupei “ah, a Portela vai ser campeã”. Nunca. Claro, a gente torce, mas não é isso. É o sentimento de que, po, que foi legal. O sentimento de que, po, foi maneiro.

**L: O desfile?**

Ângelo: É! De que você brincou, que as pessoas se divertiram, e é exatamente isso... é exatamente isso, as pessoas se divertiram! Aí o campeonato é consequência. É óbvio, hoje, aí essa é uma visão... a visão tradicionalista que se coloca, eu acredito que seja essa, o campeonato é consequência. Mas pra isso você tem que ter uma gestão profissional e olhar pra esse futuro, pra essa modernidade, “olha, os caras hoje fazem assim... que se não, a gente vai passar feio”. A gente não quer passar feio não é por que a gente vai perder, não. A gente não quer passar feio, por que a gente não quer passar feio, cara! Ninguém quer passar feio! Entendeu? Ninguém quer passar feio não, ninguém que passar feio não. É óbvio, aí vem modernidade, nego faz mágica, faz o caramba a quatro que aí você “bom, peraí, vamos lá, po, cara, só tamos perdendo, vamos ganhar? vamos jogar pra ganhar? vamos jogar pra ganhar?

Vamos jogar pra ganhar.”. Vamos jogar pra ganhar? Então vamos ter o melhor samba, vamos ter o melhor não sei o que... tanto é que, botou aí... Ah, não tem dinheiro pra alegoria e adereço, mas os últimos dois sambas emplacaram, as duas últimas vezes a bateria emplacou, as duas últimas vezes a harmonia emplacou, aí tu vai ver lá, quando você olha a divisão, aí você separa: o que depende de comunidade, chão de escola, Portela tá em segundo ou terceiro lugar, e no que depende de alegoria e adereço, a gente tá em oitavo. Opa, peraí, que que tá faltando então? Tá faltan- aí vem o discurso da modernidade, “cara, olha só, tem que fazer... tem que botar jet ski, tem que botar... que aí você...”, entendeu? Que aí é essa... é isso que eu acho que é modernidade, é mostrar isso, que isso, quem vai conseguir mostrar isso, detalhar isso, é uma gestão profissional. Por que isso é um olhar de controle “ó, galera, aqui, tá vendo aqui? tá vendo aqui ó, quando separa, tudo que depende da gente no chão, bateria, cantar, não sei o que, a gente ganha, tá vendo aqui? ó, arreentamos. Quando depende de alegoria, adereço, que a gente não teve blablabla”. O ano que teve, aí você vê o seguinte, não to aqui defendendo o Nilo, o ano que botou dinheiro e fez, a gente chegou em terceiro, que era aquele Kauê Rodrigues que foi pra Grande Rio, o ano que botou dinheiro... não lembro o ano, minha cabeça tá horrível, 2009, 10, sei lá... o ano que botou dinheiro, a gente chegou em terceiro, cara! A gente chegou em terceiro. Todas as escolas de samba estão aí preocupadas agora com o que a Portela vai fazer. Que até agora não se foi di- ano passado a essa época “po, não tem nada pronto! vamos morrer, não tem nada, não tem dinheiro, pararam”. Tá todo mundo bolado com a Portela. Por que? Porque em todos os quesitos de chão, de comunidade, você tem. A tradição tá mantida, a tradição de desfile tá mantida? Tá. A tradição de desfile ta mantida? Tá, porque tá com samba no chão, tá com samba forte e tá com bateria forte, a tradição pro desfile tá mantida. Tamo ganhando título? Por que não estamos ganhando título? Nós não vamos com alegoria e adereço legal. Nós perdemos os cinco últimos campeonatos porque não tínhamos alegoria e adereço, e no ano que poderia estar forte incendiou o barracão. Opa, peraí, tem alguma coisa errada. Então, a modernidade é isso, a modernidade é você enxergar que você precisa fazer mágica sim. Tem que botar nego fazendo mágica.

**L: E como você acha que essa gestão tá equilibrando, se está equilibrando, essa questão da tradição e modernidade?**

Ângelo: É um equilíbrio difícil, eu não sei se eles já enxergaram que essa modernidade... que manter a tradição é você manter esse chão da escola, manter esse chão da escola é manter nossas tradições, é você ter eventos de comunidade o ano todo, seja samba de terreiro, samba de partido alto, seja fazendo o tal do concurso da...

**L: Então eles não entenderam nada? Nem a tradição, nem a modernidade?**

Ângelo: Eu acho que ainda não, eu acho que tá muito “vamos ganhar esse negócio aí...”. Eu acho que neste momento, vamos ganhar na unha, tá pegando na unha? Sabe aquela coisa assim? É o que eu to te falando...

**L: Como se não tivesse um projeto de carnaval?**

Ângelo: Tem, tem um projeto de carnaval. Mas to falando o seguinte, eu acho que não foi entendido o que é essa modernidade e não tá entendido ainda o que é manter essa tradição. Tem um projeto de carnaval, sim, vamos fazer alegoria, vamos fazer... o que que eles chama de projeto de carnaval? Vamos fazer alegoria, vamos fazer... Eu acho que eles estão prontos pra arrebentar.

**L: Então não tem reflexão sobre o processo? É isso que você quer dizer?**

Ângelo: Ééé!

**L: Não tem uma reflexão sobre se é tradicional, se é moderno...**

Ângelo: É... Não. Tão agarrando na unha. Tão agarrando na unha e no dente e vamos fazer, vamos botar um negócio bonito, umas fantasia bonita! Tudo bem feito, bem acabado...

**L: Mas você falou do samba, né? Que esse ano já tem um samba forte, é... e foi um samba, que a gente acompanhou o processo, foi um samba que a comunidade abraçou, apesar das disputas políticas, né, foi o samba que ganhou, e é um samba que tem a cara da tradição da Portela segundo o que você disse. Isso já não é uma reflexão sobre manter uma tradição? A própria escolha do enredo, né?**

Ângelo: Sim, sim, isso já é uma reflexão, a escolha do enredo... Né, a escola do- isso já é uma reflexão...

**L: Lembrando que o Alexandre Louzada tinha um enredo sobre bebidas, que era um enredo patrocinado e a Portela não quis e optou pelo enredo do Valongo.**

Ângelo: Sim, isso já é uma reflexão sobre esse processo. Mas o que eu to dizendo que você ainda tá naquela questão, até onde é mantida a tradição. Eu acho que não foi entendido até onde é manter a tradição da escola. Manter a tradição da escola é harmonia, conjunto, bateria... E você mantém essa tradição fazendo as pessoas participarem da escola o ano todo. Fazendo as pessoas participarem da escola o ano todo. Se nós já conseguimos excelentes pontuações, nesses quesitos de chão pensando só em carnaval, você imagina se essas pessoas tivessem participando da escola ali, né, quer ver uma coisa, eu acho que alguma coisa tinha que ser feita, alguma coisa de fantasia devia ser feita na escola..

**L: Confeção?**

Ângelo: É, alguma coisa, "a fantasia vem pra cá pra colar duas penas, uma azul e uma branca", nossa isso movimenta [faz som de burburinho]. Isso movimenta. As escolas antigamente, algumas fantasias eram feitas nas escolas. Né, com essa coisa de vamos modernizar... o que é modernização, a modernização foi levar... É óbvio, fica muito melhor você transferir tudo pra um lugar só, sai de lá o carro alegórico, um lugar pra confeccionar... É óbvio, isso é modernização, já. É óbvio, o que é muito melhor: você confeccionar tudo em Madureira e sair com caminhões... sair com carro alegórico de Madureira, isso não existe mais, vai pela Avenida Brasil... Óbvio, a cidade do samba é muito melhor, é modernização já. Então, eu acho que nós estamos no processo certo, mas nesse primeiro momento tá na unha, ainda tá na unha. Você

perguntou sobre o samba, sim, já é... Mas quem fez o samba? A ala dos compositores, e o que vai manter a tradição da Portela? Sinto, mas não é as baianas; sinto, mas não é a ala dos passistas; sinto, mas não é a velha guarda que vai manter, a não ser que ela faça samba. Tá compondo? Se não tá, meu irmão... Entendeu?

Entrevista 3: Luisa  
Data: 19/02/2014

**L: Eu gostaria que você me contasse alguma história que mostre como é a sua relação com a Portela.**

Luisa: Como é... uma história?

**L: É... Uma situação, um evento, alguma coisa que possa me mostrar como que é a sua relação com a Portela.**

Luisa: Meu Deus... Bom, uma história que eu posso te contar, que é marcante, foi no ano de 20013, 13? 13, carnaval 2013. Fui para buscar minha fantasia, eu Luana e Estela, chegando lá não havia fantasia pra gente... Naquele dia eu enlouqueci, eu e a Luana nós enlouquecemos, eu fui pra dentro da sala do Nilo chorando desesperada perguntei pra ele “você acha possível eu assistir o carnaval da Portela dentro de casa?”, e nisso eu chorava. Assim, eu não sou uma mera participante, a Portela pra mim é mais do que isso, hoje em dia, assim, a Portela, na minha vida preenche, preenche um buraco. Talvez ninguém talvez até meio exagerado, mas ela preenche. Eu digo isso pro meu marido: hoje, se eu tenho uma felicidade na vida, esse nome se chama Portela. Ali que eu deixo as minhas mazelas, as minhas fraquezas, as minhas tristezas, fica tudo ali, onde eu me revigoro, a minha relação com a Portela é isso, ela revigora minha vida. Exagerado, mas é o que eu sinto. Exagerado, eu acho que um pouco, meu marido não aceita muito, mas eu digo pra ele “não me peça pra escolher. Se escolher, você não vai gostar da resposta que eu vou te dar”. Essa é a minha relação com a Portela. É muito querer... E um dia desses eu tava dentro de um salão, e uma mulher começou a falar da Portela, eu levantei da cadeira do salão, do cara que tava fazendo e “eu não admito, não fale isso, você não conhece, você não pode falar isso! Você conhece? Se voc- pra você falar é porque você ouviu falar e ta.. vomitando. Você não conhece pra você falar desse jeito”, quem é portelense ta no... é azul... eu tenho o sangue azul, é isso. Adoro. É mais do que uma escola de samba... é uma... eu amo a Portela. Muito. Mais do que um time de futebol, eu acho. É minha segunda família, eu digo isso pras pessoas, é o que a Portela tem de diferença, de qualquer outra escola de samba, é que você entra dentro da quadra, você sente, é família, você conhece as pessoas, todo mundo te conhece. É diferente de você ir pra uma outra escola.. é família. Pra mim.

**L: Em maio de 2013 a gente teve uma eleição de uma nova presidência. O que você acha que essa eleição representa pra escola, pra você?**

Luisa: É um divisor de águas. É... Essa nova direção, essa nova gestão muda tudo! Muda... a autoestima do portelense. O portelense, ele andava... ele entrava dentro da sua quadra de cabeça baixa... dentro da Portela nós tínhamos um ditador, um déspota, o cara era autoritário, não olhava no seu olho sequer. Um cara arrogante, hoje não, hoje em dia você é tratado com respeito. E mais do que isso, você, hoje, essa nova gestão, ela te dá a certeza de que a Portela não vem só pra desfilar, tentar não cair, ela vem pra morder mesmo um pedaço grande, quiçá ser campeã. Eu sei que existem muitas mazelas ainda que... coisas que devem ser acertadas mas a gente ta no caminho. E hoje o portelense sente isso, essa nova gestão ela é isso, é

esperança mesmo de que a Portela vai voltar a ser quem ela é, ela vai fincar, “olha, to chegando, que aqui é meu lugar, sempre foi, e acabou.”

**L: E como é que você acha que essa gestão ta fazendo isso?**

Luisa: Primeiro, agregando os seus. Ela agrega, né? Ela não tem um ar de superioridade. É assim, você vê na pessoa... nas pessoas... no vice, ou no presidente, um portelense que olha no seu olho, te cumprimenta “oi, tudo bom, bababa”. E assim, eu acho que ela uniu, uniu a escola, entendeu? Sentimento de união. Já, na verdade, o portelense já era muito unido, acho que o que a Portela tem de melhor não sua escola é o chão. Somos nós, né, e assim essa direção ela uniu, unificou muito. Eu acho que esse é o carro chefe da Portela.

**L: Obrigada, Luisa.**

Entrevista 4: Estela

Data: 19/02/2014

**L: Estela, eu gostaria que você me contasse alguma história que mostre como é a sua relação com a Portela.**

Estela: Uma só? (risos)

**L: (risos)**

Estela: Como é que começou?

**L: Uma história que seja marcante pra você.**

Estela: A história que é marcante pra mim eu acho que é o início de tudo. Quando eu era pequenininha, que meu pai... uma coisa que eu tenho assim muito, na minha cabeça, é meu pai levando a gente pra ver a águia. Na Presidente Vargas, quando a Portela ainda desfilava na Presidente Vargas, né. Parece, assim, eu to falando com você parece que eu to vendo essa cena, papai de calça de tergal, mamãe com aquele vestido, o menorzinho que é meu irmão no colo da mamãe, eu segurando na calça do papai de tergal, e meu irmão segurando na calça, que a gente foi “segura na calça do papai pra não se perder”... E isso, assim, isso é a coisa mais bonita que eu tenho de imagem, ele levando a gente. Quando aparecia a águia, a gente achava aquilo tão liiindo, né... E a vida toda foi assim, papai acordava a gente a hora que fosse, nos dias de carnaval, pra ver a Portela passar... Mas eu não podia vim na Portela, porque moça direita não vinha em escola de samba. Moça direita não andava em escola de samba. Mas assim, essa adoração que veio, veio disso mesmo, desse, né... a escola vai passar três horas da manhã, duas, a gente podia estar dormindo, a família toda tinha que acordar, deitar no tapete da sala, ligar aquela televisão, né, e a gente via a Portela. Eu lembro do papai gritando “Dá-lhe Portela”, pronto, depois daquilo a gente podia... era o nosso carnaval, era mais ou menos por aí, começava por aí, entendeu? Então, assim, a coisa mais marcante mesmo, que eu tenho mesmo, é essa conexão de família com Portela, apesar dele achar que “uma moça direita não anda em escola de samba”. Por que naquela época era bem isso mesmo...

**L: E como você começou a ir na quadra, frequentar a quadra?**

Estela: Ah, aí eu cresci, eu tinha meus (risos) dezoito anos, dezessete, dezoito anos, de sair com amigos “ah, a gente vai pra uma festa”, “festa na casa de família”, fugia pra quadra, entendeu? Ahh...

**L: Escondida?**

Estela: Escondido. Moça direita não anda em escola de samba. Aí quando, depois não, com meus vinte, vinte cinco anos, eu já trabalhava, né, meio que mais independente... e a minha vida era sexta-feira Portela, na época era Portelão, enchia muito, chegava aqui oito, nove horas na noite pra você entrar era uma fiiila, e de sair daí sete horas da manhã empurrada pela bateria, entendeu? Era muito assim, era muito bom, uma época muito diferente da de hoje, naquela época tinha... era mais violento, por incrível que pareça o samba naquela época era violento. Que hoje não é, né. A Portela hoje é uma coisa muito familiar. Mas eu me lembro muito disso, do dia estar amanhecendo e a gente tá saindo com a bateria, sendo empurrado ali pra fora. Bateria, juntavam

todos, né, a bateria mesmo, e a bateria que arrastava o povo pra rua pra escola fechar os portões, entendeu?

**L: Em maio de 2013 a gente teve uma eleição de uma nova administração pra Portela. O que você acha que isso representa?**

Estela: Ah, pra mim foi a salvação. Pra mim, parece que eu recomecei. Tudo. Eu lutei muito pra isso tudo, me envolvi muito com isso tudo, fiz coisas até que eu não posso falar... pra mim foi... caramba, hoje eu tava falando isso aqui em casa, foi a salvação da Portela, foi essa nova administração, o Falcon ter metido a cara, né, o Monarco... quem se entregou, quem deu a cara... que salvou a Portela. A Portela tava num buraco sem fim.

**L: E como você acha que eles estão salvando a Portela?**

Estela: Com admini- com tudo, com mudanças, né. Nada vai ser, não tem... não tem uma linda princesa no jardim, saltitante, com estrelas no céu. Não. Tudo com muito... muito complicado, eu tenho plena consciência de que ainda vai levar um tempo muito tempo pra arrumar a casa, mas eu tenho uma confiança. Sabe, eu to assim muito confiante, assim, as pessoas falam “ah, esse ano é o ano da Portela! A Portela esse ano vai ganhar!”. Pra mim a Portela já venceu. Mas no sentido de ter sido resgatada... né... assim que eu sinto, então isso pra mim já tá bom. Assim, apuração, o que vier, o que der, tá tudo bem, eu to confiante e tal, mas assim, esse campeonato, pra mim, eu falo isso pras pessoas aí, independente se a Portela vai ser a campeã de 2014, pra mim a Portela já ganhou. Porque ela tava no buraco, a Portela tava num... caída, apagada, humilhada, né... e assim, o portelense, essa nova administração resgatou mesmo a dignidade do Portelense, né. A gente foi... eu me sinto assim... eu fui pro ensaio técnico agora assim de cabeça erguida, sabe? Dentro do- fui de metrô e quando atravessava a rua “ah, alá o ensaio da Portela”, eu disse assim “é, eu sou **componente** da Portela!”, com muito orgulho, sabe? Muito bom isso, você resgatar isso, você ver que nem tudo está perdido, e que as coisas podem... quem tem amor pela escola, né, senti isso tão profundo, sabe? Eu sinto a escola se resgatando. E eu to confiante, assim, já falei ali que a escola, o que precisar de mim... (lágrimas nos olhos) É isso.

**L: Obrigada, Estela.**

Entrevista 5: Luana

Data: 19/02/2014

**L: Luana, eu gostaria que você me contasse uma história que mostre como é a sua relação com a Portela.**

Luana: A história que eu tenho pra contar da Portela, eu tive a oportunidade de ver um ensaio da Mocidade Independente de Padre Miguel. Chegando lá, tinha umas passis- uma porta bandeira que tava com uma bandeira, e na bandeira tava, era uma águia, amigos da águia, aquilo me incomodou, sabe? Eu falei “como é que pode uma outra agremiação utilizar o símbolo da Portela?”. Aí eu procurei saber, perguntei pra um, perguntei pra outro, “que escola é essa que tem o símbolo da águia?”, aí fui informada que era uma escola de São Paulo. É... Padre... Padre José, não sei bem o nome. E aquilo me deixou encafifada, sendo que um dos fundadores estava me observando, aí ele chegou perto de mim e falou “tudo bem?”, e eu “tudo bem”, aí eu questionei a ele “por que vocês utili- vocês podem utilizar o símbolo da águia?”, ele “ahh, eu já sei quem você é, você é da Portela, né, eu te conheço de lá”. Isso me deu um orgulho, sabe? Aí eu falei “não, eu to questionando porque realmente me causa uma estranheza”. É uma história que me marcou, foi essa. (risos) Ser reconhecida, entendeu? “todas as vezes que eu vou a Portela lhe vejo, então eu sei que você é portelense, mas a gente pode utilizar sim o símbolo igual”. Aí, foi essa a história.

**L: Em maio de 2013 teve a eleição de uma nova presidência, o que você acha que isso representa pra Portela?**

Luana: Eu acho que representa renovação, entendeu? Nós estávamos estagnados, a Portela tava a ponto de descer, não tínhamos um presidente cuidadoso, eu acho que essa nova presidência aí veio pra renovar e fazer como que o orgulho do portelense fosse reavivado, entendeu? Com toda garra que o portelense tem, por que eu acho que ser portelense é religião, vai muito além de uma escola de samba, entendeu? É personalidade, é religião mesmo, então, eu acho que essa direção nova teve essa importância pra nós, portelenses, entendeu?

**L: E como você acha que eles estão fazendo essa renovação?**

Luana: Assim, não adianta dizer que a gente vai mudar tudo de um dia pro outro, né, a casa tava muito bagunçada, mas assim, eu acho que o cuidado, o respeito, que o portelense sente, ele não sentia isso há muito tempo. O portelense entrava na quadra com medo, ele não se expressava com o mesmo amor que hoje ele pode, entendeu? se expressar. Então eu acho que a mudança maior é o respeito que se tem aos portelenses, e o portelense merece isso.

**L: Obrigada, Luana.**

Entrevista 6: Clara  
Data: 19/02/2014

**L: Pra começar, eu gostaria que você me contasse alguma uma história que mostre como é a sua relação com a Portela.**

Clara: Alguma história? Ah, não sei, acho que uma história legal sobre isso é quando eu tive que entregar minha casa no Grajaú, que eu morava no Grajaú, quando eu tive que entregar a casa no Grajaú eu comecei a procurar um lugar pra alugar, e é difícil, né, complicado esse negócio de procurar casa e tal, aí eu tava procurando um lugar perto da faculdade, eu trabalho no centro, estudo na UERJ, eu queria procurar um lugar perto dali, aí eu comecei a procurar, aí no meio dessa história toda surgiu esse apartamento aqui que era do lado da Portela. Tinha esse apartamento e tinha uma casa aqui do lado, aí o meu coração apertou, né, eu falei “nossa, vou morar em Madureira, do lado da Portela... vai ficar difícil pra mim, uma confusão, um furdúncio do caramba Madureira, trânsito e tal, mas acho que eu to afim, acho que eu quero”. Aí eu fiquei mais distante do meu trabalho, da faculdade, enfim, mas fiquei perto da Portela e foi uma coisa ótima que eu fiz por que, assim, eu acho que eu não tenho mais vontade de sair daqui. Por mais que aconteça o que acontecer na minha vida, que eu melhore de grana e tal tudo mais, eu acho que eu encontrei um lugarzinho assim, que eu queria ter alguma coisa. Por que até então você tem vontade de ter suas coisas e tal, mas no Rio é muito difícil você achar um lugar que você se enquadre, eu morei em Botafogo, morei em Copacabana, morei no Grajaú, morei parte da minha vida em Rocha Miranda, e hoje por querer vir morar perto da Portela eu encontrei o lugar que eu quero viver, assim, que eu compraria uma coisa fixa pra mim pra eu viver pra sempre.

**L: Porque é perto da Portela?**

Clara: É, porque é gostoso tá perto, por que é bom assim, é... nem sempre eu consigo me inscrever na comunidade cedo pra participar, por conta de estudar e tal, mas é bom tá aqui perto, é bom poder vestir uma bermuda e saber que a Portela tá do lado, sem poder se preocupar de pegar um ônibus pra ir e pra voltar. Então eu acho que essa é uma história legal assim, é recente, não é tão longa quanto minha história com a Portela, que sempre estive aqui, vivi aqui, morei aqui perto, mas acho que é uma história que marca assim bastante quanto, né, quanto a Portela influencia na vida toda, em geral. Não só naquela hora ali da escola de samba, estar perto, é bom estar perto.

**L: Ano passado, em maio, teve a eleição de um novo presidente, uma nova administração. O que você acha que isso representa pra escola?**

Clara: O que eu acho que representa? No caso da Portela, a forma como as coisas estavam sendo conduzidas, eu acho que representou... mudança sensacional. Sim, porque mudança é uma coisa muito difícil, né, porque às vezes a gente pensa em mudar e nem sempre mudar é pra melhor, então rola um medo, né, em relação a isso, mas eu acho que do jeito que tava, pra Portela, representou, assim, vida nova. Você entra na escola hoje, é outro clima, né? Outra escola, né, eu acho que pra Portela foi tudo, assim. Acho que se continuasse a administração passada, nem dá gosto de continuar.

**L: E como é que você acha que eles estão fazendo essa mudança?**

Clara: Isso pra mim é mais difícil de responder por que eu voltei a frequentar a escola mesmo de verdade de uns dois meses pra cá, por conta dessa história de faculdade e tal tudo mais, mas você vê um engajam- uma vontade maior da administração de fazer aquilo ali funcionar além do individual, assim, além do status, do poder, de ser um presidente de escola, de ser administração de escola, você vê um amor, assim, você vê uma vontade de valorizar a comunidade, as pessoas que tão ali... de fazer a coisa funcionar melhor, além do individual que é você tá ali nesse meio. Eu acho isso muito legal.

**L: Obrigada, Clara.**